JONAS DA SILVA

CZARDAS

Czardas
versos
de
Jonas da Silva
p. do Ca [illegible] dos

Triste viajor sem fé, companheiro dos parias,
Velejando ao Jardim de Hesperides mirifico,
Embora o procureis no Atlantico ou Pacifico
Não no vereis jamais nas ondas solitarias . . .

Para o alcançardes, vêde: ha mil forças contrarias;
É passada a monção — o mar brando e magnifico.
A um temporal como este – um maremoto horrifico,
Foi-se a Atlantida: só ha Cabo Verde e as Canarias!

Os tempos não são mais a Argonautas propicios:
Pan ainda não voltou; não ha mais Endymiões;
Breve o sol morrerá: nem zeniths nem solsticios . . .

Por castigo, talvez, de empreza assim chimerica
Argos e Héspero vêem-se entre as constellações
E Colombo é o infeliz Argonauta da America! . . .

SONHO DE ARTISTA

Com o teu fino pincel, com tua penna ou lapis
Desenha-me este céo, estas selvas immensas,
Jesus Christo a pregar o perdão das offensas,
Annita Garibaldi e o sol dos Guararapes;

O sacerdote egypcio adorando o boi Apis,
Caravanas sem fim nas planicies extensas,
Paladinos morrendo antes das recompensas,
A antiga Syracusa e os templos de Serapis.

Doura com o teu pincel e a paleta divina
A fronte aos menestreis e á deusa, anjo ou demonio,
Aphrodite — e á Natercia e Laura e Fornarina.

E á essa belleza ideal que atravessou as éras,
— Cleopatra, cujo olhar subjugou Marco Antonio
E em Actium arrastou á derrota as galeras!

REVELAÇÃO

— Peregrino do Céo, que a Dor seja comtigo!
E sentei-me a chorar á hora exul da Trindade . . .
Eu era um castellão, velho na mocidade,
Scismando á barbacan do meu castello antigo.

— Seguirás, semearás sobre o campo inimigo
A Vinha da Illusão e o Trigal da Saudade,
Mas, triste lavrador de vãs Chimeras, ha de
O teu sangue inundar essa Vinha e esse Trigo.

— Para a missa do Dia, os seculos de joelhos,
A hostia rubra do Sol fulge nas altas cimas:
Vem do sangue este Sol, vem dos trigos vermelhos.

— A Dor cultivarás, Dor cruel será a tua . . .
E a minh'alma chorou todo um oceano de rimas
Onde havia um choral de sirenas á Lua.

EVOCAÇÃO

Tardes existem de tristeza e encanto,
Que triste é a luz e mesmo escuro é o ar,
Fazendo o poeta relembrar o canto
E o pobre ausente — o venturoso lar.

Em tarde assim, meu languido heliantho,
Quero partir para não mais voltar;
Tenho desejos de exclamar como Anto,
— Antonio Nobre : ó deixem-me chorar . . .

Em tarde assim de encantos e amavios,
Ó versos meus, pela amplidão voai,
Como a cegonha — aos corucheos sombrios . . .

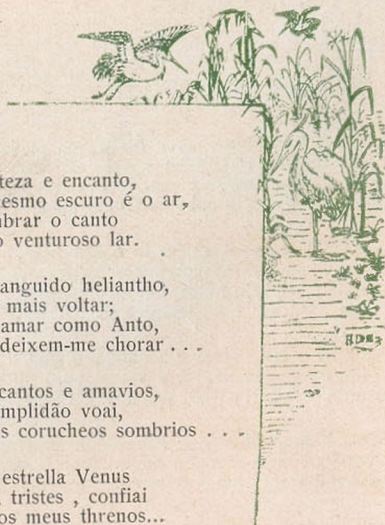
Ide pousar lá junto á estrella Venus
E á estrella do Pastor, tristes , confiai
A divina amargura dos meus threnos...

PASTORAL

Mas, se esta vida é assim, porque esta queixa ?
— Embora o verso teu nunca traduza
Esse amor que te vai na alma confusa,
Sólta o teu canto, a dolorosa endecha.

Evóca em tua triste e heroica Musa
Pomona — a da maçã, da uva e da ameixa,
Céres – do trigo e do oiro na madeixa
E os amores de Alpheu e de Arethusa.

Evóca em tua louca phantasia
O rebanho e os pastores da outra idade, . .
Dionysio e os deuses da Mythologia.

Ao passado, transporta-te, no idyllio:
Lembra esses tempos da felicidade,
Os tempos de Theocrito e Virgilio . . .

VIDA FELIZ

Poeta, que a tua triste palinodia
Andas entoando pela vida a fóra,
Essa magua é não de hoje, não de agora,
É de todas as dores a rhapsodia.

Julgas teu pão possuir mais dura a codea
E ao teu olhar ser mais brilhante a aurora:
Em linguas mil isto se disse outr'ora,
—Differenças de escripta e de prosodia.

Deixa o teu sonho, esse delirio vario . . .
Para viveres neste Sahara, inerme,
Tem paciencia como o dromedario.

Não tens calma nem mesmo emquanto dormes . . .
Vida feliz desfructa o pachyderme
Agitando as mandibulas enormes . . .

FAC ET SPERA

Faze e espera, é a divisa de esperanças
De alguem que ainda na vida tudo espera
E ainda crê nalgum sonho e na chimera,
Dando ouvido ás balladas e ás romanças . . .

Fac et spera! e a fabricar faianças
Levei a minha louca primavera;
E ás festas de Amathonte e de Cythera
Jarras enviei de todas as nuanças . . .

Tarde depois, as forças combalidas,
Vejo-as no chão, desilludido quasi,
Jarras, crateras e amphoras partidas . . .

E a mesma voz me diz altiva e forte:
« Venho agora concluir a antiga phrase:
Fac et spera . . . o Soffrimento e a Morte! »

ZAGAL

Ninguem busque illusões e nem paz e socego
Abandonando os seus pelos tectos extranhos :
Por mim, com a minha frauta, apascento rebanhos
E não quero outros céos, outros sóes, outro emprego.

Bem quizera possuir um hepatacordio grego
E a uma deusa adorar de olhos de oiro ou castanhos;
Mas, franqueza, me dão tanto cuidado os anhos . . .
Morro sem ver o Tibre, o Havre, o Sena e o Mondego.

Esse que deu á flor a belleza e os aromas
E aos tapetes de relva o matiz de velludo
E faz a planta vir de bulbos e rhizomas,

Deu-me uma alma de Paz, de Perdão, de Concordia
E uma serenidade estendendo-se a tudo
E um coração, que é uma harpa immmensa e monocordia !

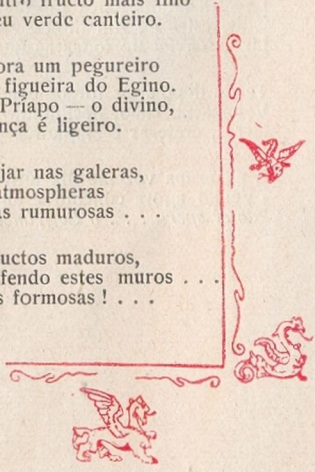
HORTORUM DEUS

(Heredia)

Não te approximes. Vai. Passa ao largo, Extrangeiro !
Insidioso ladrão, pretendes, imagino,
Roubar-me a uva, a oliva ou outro fructo mais fino
E a hortaliça que cresce em meu verde canteiro.

Com uma faca, talhou-me outr'ora um pegureiro
Minha estatua, num tronco, em figueira do Egino.
Ris do esculptor ? vê lá, pois, Príapo — o divino,
Esse deus dos jardins na vingança é ligeiro.

Outr'ora eu me adestrava a viajar nas galeras,
Satisfeito e sadio, affrontando atmospheras
Boas ou más e ao léo das ondas rumurosas . . .

Hoje, como guardião destes fructos maduros,
Contra os salteadores vis eu defendo estes muros . . .
E nunca mais verei as Cycladas formosas ! . . .

PHAROLEIRO

A paixão pelo mar, forte e vivace
E o meu isolamento costumeiro
Deram commigo, um dia, em pharoleiro
Num pharol de primeira ou ultima classe . . .

Sosinho, tendo as ondas face a face,
Ao vir da noite, accendo o meu luzeiro . . .
— Quem vem lá ? E' um vapor ou é um veleiro ?
Só lhe vejo um clarão verde e fugace . . .

Minha luz é uma luz de intermittencias :
Pelo alphabeto Morse, á immensidade,
Lanço, ás vezes, signaes e reticencias . . .

Vai alguem neste ilhéo só de onde em onde . . .
— O pharol da Esperança e da Saudade
Cujos gritos de luz ninguem responde ! . . .

PROFISSÃO DE FÊ

O odio é um horror. Se um dia a alguem fiz mal,
Se hei a alguem offendido ou maltratado,
Que me perdôe, espero ser perdoado . . .
Triste do criminoso passional !

Falte-me o pão e mais o lume e o sal
Se a voz, com a ira, eu levantei, num brado . . .
Nunca enganei ninguem, mas, enganado,
Sempre achei a serpente em meu nopal.

Toda creatura que no mundo pena
A alma terá como os crystaes de Iena,
Como as lentes finissimas de Zeiss :

Aos andrajosos estendendo um manto,
Dos infelizes enxugando o pranto
E aos soffredores escutando os ais ! . . .

FEL

Não, não sou dos incredulos, eu creio
No amor ardente, no profundo affecto
De um doudo, como Werther, como Hamleto,
— Drama de morte e lagrimas e anceio.

Vivo no mundo ao proprio mundo alheio
E, o mandamento biblico interpreto
Do amor, – odiando o humano ser abjecto,
Pois que a mim mesmo com fervor odeio.

Homem, no altar de reluzentes brilhos,
Queime-te incenso alguem para adorar-te
Tal como outr'ora a Baal Moloch, os filhos!

Quebrei a minha durindana e o escudo . . .
Feliz quem um consolo encontra na Arte:
Só a Arte eterna santifica tudo! . . .

TERRA NATAL

Terra natal, ainda hoje me confranges
A alma sem fé, de miserando escriba,
Se me vens á memoria, ó Parnahyba,
Com teu rio de amor, lembrando o Ganges.

Em creança, formavamos phalanges
A correr e a brincar de riba em riba . . .
Hoje, o meu pranto, é como a copahyba
A golpes de machados e de alfanges.

Da ampla Egreja relembro a magestade,
Das novenas de Maio, a suavidade . . .
Tem trinta annos a dor que em mim se expande!

Nunca, uns dobres alegres ou maguados,
De sino, ouvi, de festas ou Finados,
Como os dobrados do teu Sino Grande!

O VALLE HARMONIOSO

(A. Ferdinand Herold)

É um valle encantador que o loureiro perfuma
E o argenteo luar afaga em caricias de amante,
Emquanto que no céo de bella côr cambiante
As flores sideraes se entre-abrem uma a uma.

Dalli brota e se espraia em floculos de espuma
Uma fonte onde a rir a Naiade em descante
Compassiva adormece um grupo fascinante
De oréades ideaes de alvos corpos de bruma.

Inebriado um pastor, da tarde na poesia,
Suspirando na flauta uma aria ou melodia
Vem descendo a vertente aromal das collinas . . .

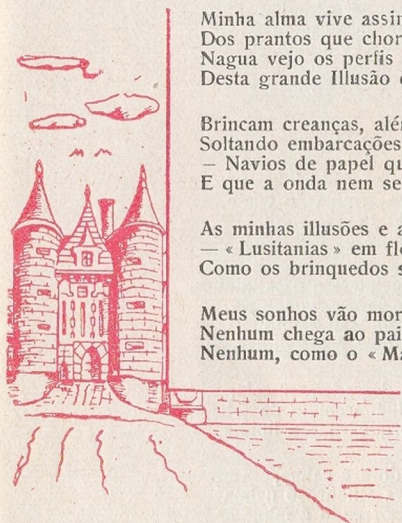
Pára em doce emoção junto á onda serena
E embevecido o olhar nas Dryades divinas
Se esquece de acabar a musica na avena.

MINHA ALMA

Minha alma vive assim como Bruges — a **Morta** :
Dos prantos que chorei circumdam-na os canaes;
Nagua vejo os perfis das brancas cathedraes
Desta grande Illusão que me guia e conforta.

Brincam creanças, além, ao longo da comporta,
Soltando embarcações pequeninas do caes,
— Navios de papel que vão, não voltam mais,
E que a onda nem sequer um minuto os supporta . . .

As minhas illusões e as minhas esperanças,
— « Lusitanias » em flor ou « Titanics » ideaes —
Como os brinquedos são e as náos dessas creanças . . .

Meus sonhos vão morrer a um pelago attrahidos :
Nenhum chega ao paiz das auroras boreaes,
Nenhum, como o « Mayflower », aos Estados Unidos! . . .

SANTA THEREZA

Santa Thereza de Jesus, os sinos
Levam teu nome aos valles e ás montanhas
E o teu nome resurge das entranhas
Da terra, após, em lirios peregrinos.

Que não ouças as supplicas estranhas
Das novenas e languidos violinos;
Ouve-me o Verso, fallo-te nos hymnos
Que entendeste, Tulipa das Hespanhas.

Venho em nome das almas das guitarras,
Almas, que entoando mil canções bizarras,
Vão pela noite legendaria e branca . . .

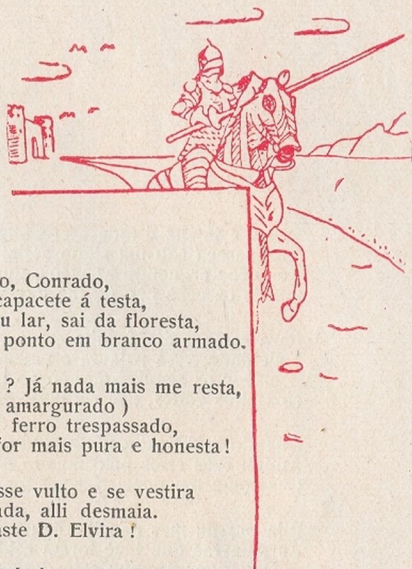
Para adorar-te me prosterno e humilho :
Em vez do incenso, trago-te o tomilho
E um manto real do Sol de Salamanca.

II

Os versos nascem como as andorinhas :
Ellas — na torre de uma ermida ao vento,
Elles — na torre azul do Pensamento;
Partem depois sonorisando as vinhas . . .

Santa Thereza, que o meu verso e as minhas
Phrases, subindo a esse Paiz nevoento,
— Aves de prata, morram sem alento
Junto aos pés da mais doce das Rainhas.

E quando a Morte, em derradeira escala,
Quebrar-me o Harmonium tremulo da falla,
Quando o silencio amortalhar-me a lingua,

Leva-me, ó luz consoladora e calma,
Que eu tenho um Sahara tenebroso nalma
E os cordeiros da Fé morrendo á mingua.

MEDIEVAL

O cavalleiro càntabro, Conrado,
Vem da cruzada — capacete á testa,
Quando, junto ao seu lar, sai da floresta,
Um vulto extranho, ponto em branco armado.

— Senhor quem sois ? Já nada mais me resta,
(Suspira o paladino amargurado)
Caia eu tambem, do ferro trespassado,
Se minha irmã não for mais pura e honesta!

E a irmã, que era esse vulto e se vestira
De guerreiro, golpeada, alli desmaia.
— D. Conrado, mataste D. Elvira !

Eia ! suspende-lhe a viseira, entreabre-a ! —
Morta ! . . . Por isso as ondas da Biscaya
Dolorosas se quebram na Cantabria !

ARGONAUTAS DO SONHO

Ao Sol que do amplo mar as paysagens inflamma
Vão pesados galeões e pesadas galeras,
Velas pandas ao vento, aproando ás espheras,
Ao Indostão luminoso e encantado da Fama.

E depois de dobrar como Vasco da Gama
Outro oceano se abrindo em gargantas de feras,
Eil-o a surgir além, o Paiz das Chimeras,
Na imponencia immortal dos pagodes de Brahma.

Que importa a esses heróes que, guardando esses climas,
Da Morte o Adamastor sobre as aguas assome ?
Esperança, Esperança, em teu seio os animas . . .

Nessa febre de amor, que nos leva e consome,
Poetas, que somos nós ? — Caravelas de rimas,
Argonautas no mar á conquista do Nome ! . . .

SIGNOS

Triste e infeliz é toda a creatura,
Que nasceu sob um signo assim maldicto :
Aos céos erguendo as mãos, num gesto afflicto,
Jamais os céos hão de lhe dar ventura.

Para esses o dia é noite escura,
Felicidade, essa palavra é um mytho;
E a Dor os seguirá mesmo ao infinito :
Nos altos valles, nas rechãns, na lura . . .

Quando a Felicidade, distribuindo
Andou seus risos pelo mundo e festas,
Chamou-a um poeta, fez-lhe um gesto lindo . . .

Ella passou mas não lhe deu ouvido.
As palavras que teve foram estas :
— Que quer de mim este desconhecido ? . . .

VIOLEIRO SOMBRIO

Não mais cantes de amor, ó viola minha,
Teus cantos não são mais do meu agrado;
Nas batalhas do amor que hei pelejado
Fui ferido, batido em toda a linha . . .

Pobre de mim, que os meus castellos tinha
Nas estrellas construido e levantado !
Sou esse pagem que ás ondas foi lançado
Por castigo de amar uma rainha . . .

Agora não aspiro a cousa alguma.
Mas uma sombra, assim como a Bertini,
Esguia assim, bem junto a mim se apruma :

E' da Saudade a sombra inquieta e louca
Que vem — como nos cantos de Guerrini
A alva filha do rei — beijar-me a bocca !

ANNIBAL

«Annibal transpoz os Alpes e nós os torneamos...»

NAPOLEÃO.

A esse deu-lhe no berço alto destino a Parca,
A sorte o indigitou para as grandes empresas:
O mar atravessando em náos carthaginesas
O sul da Europa, em sangue e lagrimas encharca...

Filho amado, seu pae era Amilcar – o *Barca*.
Acostumado em creança ás luctas e ás surpresas,
Tinha no coração—do odio as chammas accesas,
O odio a Roma em seu peito era indelevel marca.

Antes de Napoleão, que lhe invocara os manes,
Os Alpes perlustrou e venceu no Tessino;
Em Trébia é vencedor, no Trasímeno e em Cannes.

Em Zama, Scipião quebra-lhe a arma tyranna...
Flaubert, em *Salammbô*, descreve-o ainda menino,
«De altura, não maior que uma espada romana!»

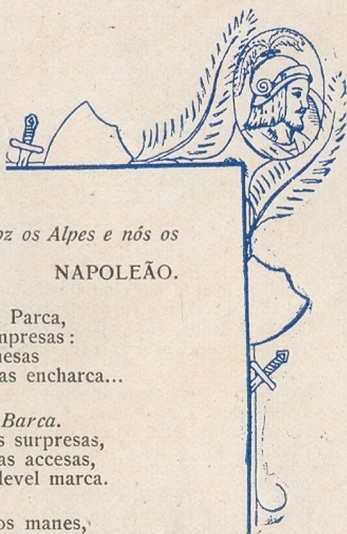
SAGUNTO

II

Desde que tencionara ir ás terras da Italia,
A's planicies do Adige e aos campos da Liguria,
Transpor os Pyrinéos, ir ao Brutium e á Etruria,
Annibal procurara a amizade da Gallia.

De Roma sem temer a lucta e a represalia,
Sagunto, eil-o a cercal-a, atacando-a com furia
E entre gritos de dor e entre brados de injuria
A' heroica cidadella anniquila-a e combale-a...

Guarnecendo a albarrã fervilham sagittarios;
Arietes brutaes fazem tudo em pedaços;
Nada ha que impeça agora a entrada aos mercenarios...

Mas, prefere a cidade a morte ao vilipendio
E as mulheres viris com as creanças nos braços
Loucamente se vão precipitar no incendio.

CANNES

III

Annibal, que a marchar de Carthagena, mezes
Gastara e em seu furor não perdoa aos vencidos,
Chega á Italia, enfrentando os hoplitas luzidos,
Trazendo um vasto mar de sarissas e arnezes.

Nos Alpes ao passar homens e armas, ás vezes,
Tombavam. Eis por fim as ribeiras do Aufidos.
Paulo Emilio com os seus são mortos ou feridos
Pelo numida o luso, o punico e os gaulezes . . .

Elephantes brutaes, cheirando a sangue e a unto,
Brandem as trombas no ar, retorcidas e tortas
E a sangueira é maior que ainda ha pouco em Sagunto . . .

A Quintus Fabius, só, nada ha que o perturbe.
Um grito de terror vibra : *Annibal ad portas* !
Que ás matronas espanta e enche de assombro a urbe !

ZAMA

IV

Mas a patria longinqua em tom vibrante o chama,
Que o romano passou á Africa — o insolente
E ella, ao seu grande apello outr'ora indifferente,
O procura e elle a attende e é derrotado em Zama.

O desastre porém não lhe deslustra a fama :
O povo o faz Suffeta — e o soldado valente
As finanças restaura ao seu paiz, paciente
E tenta a patria alçar da vergonha e da lama.

As delicias de Capua e os vinhos de Setubal,
Tudo Annibal recorda em devaneio vago
E a morte de seu pae e seu irmão Asdrubal.

Porém a alma lhe sangra em pesares sombrios
A' cruel humilhação que fez Roma a Carthago :
A entrega a Scipião dos quinhentos navios.

FIM DE CARTHAGO

V

Emfim, Catão foi cruel, esse homem da *Delenda*
Carthago ! Conseguiu seu designio nefario
E o destino exerceu-se inconsciente e vario
Sobre as legiões do deus Baal na magna contenda.

Nunca se viu fogueira igual a essa, estupenda.
Roma applica á rival o castigo summario
E hoje apenas a dor e as lagrimas de Mario,
Tanit, que vem no luar com o zaimphe de renda . . .

Ai dos vencidos ! sim, mas ai dos deshumanos
Que fizeram o mal, ai de vós, vencedores !
Os *barbaros* e crueis fostes vós, ó romanos !

Mais cultos sendo então do que o punico e o lybio,
Vosso crime é maior. Vêde-o, ó historiadores,
Ó Guilherme Ferrero, ó Deodoro, ó Polybio ! . . .

AGUIAS

Na pittoresca Suissa, a caravana
Dos pastores, ás vezes, sobre a estrada,
Uma aguia real encontra fulminada,
Caminho das usinas de Lausanna.

É que essas aves, numa furia insana,
Batem nos fios dessa rede alada
Onde os *volts* e *ampères*, numa revoada,
Cantam dos postes sobre a porcellana . . .

Alma ! a violar os mundos infinitos
Buscaste em vão o azul e as potestades,
Ó Prometheu da fabula e dos mythos !

Para o Céo te elevaste, soberana,
E cahiste, vaidade das vaidades,
Como as aguias da estrada de Lausanna !

JESUS

(Santa Thereza)

Não me move, meu Deus, para adorar-te
O céo que a mim me havieis promettido
Nem me move esse inferno tão temido
Que me prive offender-te ou maltratar-te.

Tu me moves meu Deus; move-me olhar-te
Pregado nesta Cruz e escarnecido;
Move-me . . . ver-te o corpo tão ferido
Que entre a morte e as affrontas se biparte.

Move-me o teu amor; se acontecera
Não existir o céo, ainda te amara;
Se não houvera inferno, te temera.

Nada me deves da paixão sincera,
Pois, se ainda o que espero, não lograra,
O bem que hoje te quero te quizera.

QUANDO EU MORRER

Quando eu morrer, partir-se o coração, a aorta,
Fechar-se para mim este grande horisonte,
No Stygio, onde não ha desde o Dante uma ponte,
Chamarei o batel, que ao Inferno nos transporta.

Será o mesmo o barqueiro e ainda o mesmo Caronte ?
A barca, de tão podre abriu agua e anda torta . . .
Lembrarei um motor que ligeiro a onda corta,
Que é penoso o serviço a remo no Acheronte.

E Satan ouvirá minha ultima estrophe . . .
Fallar-lhe-ei no Alto Forno, hoje á electricidade;
Que a morte, não ha mais com o Dr. Voronoff . . .

Hei de ver gente, lá, que eu de ha muito não vira.
D. João hei de encontrar chorando de saudade,
Lembrando a ingratidão que soffreu D. Elvira.

INTERROGAÇÃO

« Poeta e batalhador, não te vejo ha vinte annos,
Mergulhado talvez nos mais fundos lethargos? . . . »
— Perdi-me na Illusão, fui aos pégos amargos,
Ao vento sul abri das fragatas os pannos.

Depois de navegar, de trabalhos insanos,
Desanimei, cahi, com os mais duros encargos,
Tive como S. João e o argivo principe Argos
A cabeça cortada, a uns amores tyrannos.

As correntes do amor se quebram de élo em élo
E se perdem no chão como as contas desfiadas . . .
Deslumbrava-me o Oiro — esse Diabo Amarello.

Para fugir do Mal e do Vicio á vertigem
Não ha como fechar as palpebras cançadas
Nos braços da Mãe Preta : — a terra, o humus da Origem!

CHAUFFEUR

Da janella da casa onde habito, ha alguns dias,
Meço áquelle palacio a extensão e o dominio:
— Leões de pedra a dormir junto as escadarias,
Um portão e gradis prateados de alluminio.

Por entre os tiliaes e as acacias sombrias
Do parque, quando o ardor vae do sol em declinio,
Vaga um leve perfil de vestes alvadias . . .
Lá dentro ha um Terra Nova e um arsenal de exterminio.

Para alguns a deidade é do bairro a mais linda.
Quando a passeio sai approximo-me apenas
Para ver de que marca é o «chassis» da berlinda.

Senhora, mil perdões, se eu a offendo ou melindro:
Este automovel marcha a explosões tão serenas
Que me parece «Knight» ou *valveless* o cylindro.

SALDANHA DA GAMA

Para solennisar a erma paragem
De Waterloo, onde o bello heroe de Iena,
De Austerlitz, de Wagram, de Santa Helena,
Rolou como os heroes de alta linhagem,

A França, a grande Mãe, ergueu-lhe a imagem
No proprio campo da espantosa scena:
— De bronze uma aguia colossal, serena,
Num pedestal, em meio da paysagem . . .

Ao que, aos gozos do mundo transitorio
Preferiu, entre assomos de heroismo,
A morte no Waterloo de Campo Osorio,

Na terra em que tombou bello e altaneiro
Erguei a Aguia de Bronze que o civismo
Nos relembre do grande brasileiro!

O NOVO RIACHUELO

Porque são contra nós as iras Argentinas
E as manifestações as mais vis e soezes?
— É por termos em nós sangue de portugueses.
É o velho odio hespanhol ao gonfalão das quinas!

Ardem por transformar todo o Brasil em ruinas
Numa guerra feroz de alguns annos ou mezes.
Couraceiros brutaes, revestidos de arnezes
Aspiram galopar sobre as nossas campinas.

Ambicionam possuir o Amazonas profundo!
Têm a Bahia Branca e o Prata immenso e ufano
Mas nossa Guanabara é a mais bella do mundo . . .

Riachuelo! Este nome é a nossa honra, é a Victoria!
Retirar esse barco aos afagos do oceano
É tirar a esse nome a metade da Gloria.

PATOS SELVAGENS

Ao pôr do sol, em tarde merencorea,
Antes da lua vir, formosa e branda,
Apraz-me olhar os patos em demanda
Do pouso, ver-lhes no ar a trajectoria . . .

Só se escuta na matta a sericorea . . .
Lembro a caça aos palmipedes na Hollanda;
Eduardo Foá – nos pantanos da Uganda,
Roosevelt – de saudosissima memoria!

No intrincado igapó, neste deserto
Verde, se perderiam, sem roteiro,
Nemrod, Humboldt, Bates, Santo Huberto.

E a noite cai nas margens da lagoa
E o ultimo tiro estronda no poleiro,
Dos patos e fortissimo reboa . . .

Ó LARANJAL SEM FLOR . . .

Ó laranjal sem flôr, ó limeira sem lima,
De braços hirtos como os de um crucificado,
Talvez S. Sebastião ao cumprir o seu fado
Contra vós atirasse a maldição do clima.

Folha a folha o tufão foi despindo a alta cima
Onde outr'ora cantava o sabiá namorado;
Hoje apenas lembrais o immortal torturado
Ou um martyr da Illusão no Calvario da rima.

Como somos irmãos nesta vida em que vamos!
Voltarão pelo inverno os rebentos de outr'ora,
Os sabiás voltarão a cantar sobre os ramos.

E esta alma encontrará novamente a que estima?
E esta alma encontrará novamente a que adora?
Ó laranjal sem flôr, ó limeira sem lima . . .

A BANDEIRA

Quero vel-a passar com os escoteiros
Em marcha alegre ou calma, num bivaque.
Não nessa faina de conquista e saque
Á morte guiando peões e cavalleiros.

Desde o gaúcho aos rudes seringueiros
Amem-na todos, ponham-na em destaque
E celebrem-na assim como Bilac,
—O Principe dos poetas brasileiros . . .

Verde e amarella em vivido contraste
E azul ao centro. Ella voltou da guerra
Sem *fourragére,* mas tendo flores na haste.

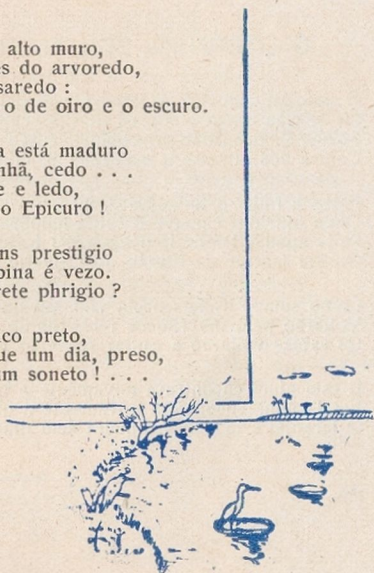
Vendo-a passar, a alma do povo sente
Que alli vai, palpitando, a nossa terra,
Mais de que a nossa terra, a nossa gente ! . . .

AVES

No meu pomar, cercado de alto muro,
Entre os galhos e as frondes do arvoredo,
Gósto de ver pousar o passaredo :
O verde, o azul, o branco, o de oiro e o escuro.

Sei que o fructo lá em cima está maduro
Pelo chilreio que ouço, manhã, cedo . . .
— O' gallo de campina leve e ledo,
Gostas de passar bem, como Epicuro !

Eu sei que tens feitiço e tens prestigio
Mas . . . entre vós, só a rapina é vezo.
Ha quanto tempo usas barrete phrigio ?

—O' trovador divino, ó chico preto,
Tanto has de me roubar que um dia, preso,
Vivo, a cantar te ponho num soneto ! . . .

PHARÓES

Um pharol numa costa exposto aos ventos maus
Banhado pelo mar de esmeralda e turqueza
É a exclamação de luz que nos traz a certeza
Da presença de um porto ou bancos e calhaus.

A costa do Brasil é um tenebroso chaos,
Não a póde bloquear toda a marinha ingleza.
Somente lhe mediu a imponencia e a grandeza
Aquelle que avistou Porto Alegre e Manáos.

Pharóes de toda côr, verdes, alvos, vermelhos,
Pharol de Maceió, Recife e dos abrolhos,
Ó quantos corações não vos olham de joelhos ? !

Nunca passaste á noite a paragem natal ? . . .
Eu não vos posso ver, tendo enxutos os olhos,
Ó pequeno pharol sobre a Pedra do Sal ! . . .

O THERMODONTE

(*Heredia*)

A Themiscyra, a arder todo o dia, fremente,
Sob os gritos de dor e gritos de vingança,
Do rio Thermodonte aguas de rubra nuança
Levam corpos boiando e armas sobre a corrente.

Onde estão Diana, a heroica e Astéria, a combatente,
Que os esquadrões a guiar com ardor e pujança
Luctaram com furor sem temer a matança ?
— São mortas na peleja ou batalha inclemente.

— Extranha floração de alvos lirios cahidos,
A margem vê-se além, de guerreiras semeada.
E ouve-se o relinchar dos cavallos feridos . . .

E o Euxino, de manhã, vê nas longinquas zonas
Inda os brancos corceis, fugindo á disparada,
Tintos do sangue em flor das mortas Amazonas.

SONHO PRINCIPESCO

Meu amor, meu amor, minha fragil argilla,
De sobrancelha negra e labios de escarlate,
Inda hei de offerecer-te uma berlinda e um hiate,
Teu Hamleto ha de dar-te um castello ou uma Villa.

Fallo, qual se fallasse algum Mago ou a Sibylla.
Bem vês, meu coração, joia de alto quilate,
E' um *Pateck* e por ti, desesperado bate,
E' um piano, cuja tecla, és tu mesma a feril-a.

Não é sonho e nem mesmo um devaneio vago:
Na *charrette*, a puxar-te, um alazão gaúcho
E seriemas, faisões e alvos cysnes e um lago.

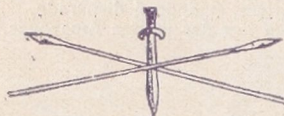
Tu, no piano, a voltar da minha vida a lauda . . .
E eu buzinando um auto – um *Rolls-Royce* de luxo
E no parque os pavões de olhos verdes na cauda.

A FACA

Esta lamina fina é um estylete agudo:
E' longa, que atravessa um thorax, um arcabouço.
Ella abate um gigante e anniquila um colosso;
Tem um irmão—o punhal silencioso e mudo.

Na tempera é capaz de perfurar um escudo.
Só de vel-a, me fica o sangue em alvoroço!
A alguem ouvi fallar com o enthusiasmo de moço:
«O rovólver é bom, porém a faca é tudo! . . .

Num corredor estreito ou no vão de uma escada
Tira-se uma desforra e lava-se uma affronta
E fica a morte após anonyma e ignorada . . .»

No escuro ella scintilla e se assemelha ao radio . . .
Mas não na estimo, não, e até quebro-lhe a ponta
A esta arma, que não tem a nobreza do gladio!

EL DORADO

Muito antes de Cabral e de Christo, muito antes,
Já frequentado foi do Amazonas o valle:
Diz Onffroy de Thoron, que até o rio Ucayali
Vieram barcos de Hiram e alguns mais navegantes...

Glorioso Salomão, teus grandes almirantes
Chegaram até aqui, a este jardim de Omphale;
E o nome Solimões ao teu nome equivale.
—Honra e gloria sem par a esses bravos mareantes!

Foi tua esquadra, Rei, que a estas plagas nos trouxe,
Anterior a Pinson a visita ao Mar Doce...
Ha hierogliphos na pedra, em frente a Itacoatiara...

Teu Templo, da madeira e nosso oiro foi feito
E eram d'aqui, talvez, monos, pavões e o leito
Da Rainha de Sabá que em teus braços sonhara!...

BRAZÃO CELESTE

(*Heredia*)

Vejo, ás vezes, do céo sobre o azul ideal
Nuvens da côr de cobre e de purpura ou prata,
No Occidente, onde o olhar a vel-as se arrebata,
Desenhando um brazão no celeste vitral.

Como timbre e supporte — o heraldico animal:
O licorne, o leopardo ou aguia se retrata.
Monstros que fogem quando o tufão se desata
Levantam-se empinando o perfil colossal.

Certo, que ao se travar o combate ferino
Entre as legiões de Deus e as legiões de Lusbel
Este escudo, ganhou-o algum barão divino.

Como os que a Cruz guiou até Constantinopla
O brazão deste heroe, – S. Jorge ou S. Miguel,
Traz por besante o Sol sobre o mar de sinopla!

PIC-NIC

Essa belleza foi a nota *chic*
Do passeio fluvial, domingo, no *Arrow*:
Fez-me esquecer os *schopps* e o cigarro,
Triste voltei do alegre *pic-nic.*

Sei que entre nós ha uma barreira e um dique
Mas louvarei esse perfil bizarro
Na prosa chilra ou no meu verso charro,
Dos rivaes affrontando o odio ou o despique . . .

Ao offertar-me sorrindo um «sandwich»,
Mais que os anneis de pedraria accesa
Me offuscaram seus olhos de azeviche . . .

Não sei se é a rainha Brunehilde.
Mas no grande concurso da Belleza
Será a rainha com o meu voto humilde ! . . .

CABOCLA

Ninguem ha, que ao te ver o perfil, não remonte
Ao passado e recorde essas tribus lendarias
Das mulheres viris — aquellas legionarias
Que habitavam outr'ora o rio Thermodonte.

Eras de certo a rainha e della tens á fronte
O aspecto senhoril e as attitudes varias;
Relembras esta matta e as aguas tumultuarias
Do Zambeze, do Nilo, o Niágara e o Acheronte.

És um marmore escuro, és um moreno Paros;
És uma ave que cheira e és uma flor que canta;
És a victoria-regia e os nenúphares raros . . .

Recordas os Tupis e os antigos Tamoios,
— Moema e Paraguassú destas selvas onde a anta
Corre com a rapidez e o silvo dos comboios !

LAGO MALDITO

Se hoje, em surdina, o teu pesar disfarças,
Ouvindo o canto ás jassanãs morenas,
Sentes, minh'alma, as afflicções e as pennas
De um lago azul sem jassanãs nem garças.

Lago em que havia á superficie esparsas
Grandes victorias — regias e phalenas
E em que hoje existe a cannarana apenas
E são as praias mattagaes e sarças . . .

Senhora, olhai, vêde esta scena, em magua . . .
Um peixe enorme agita as barbatanas
Fazendo um grande redemoinho nagua . . .

Morre aos venenos do timbó medonho . . .
—Assim tombei nas luctas deshumanas,
Tal a Descrença envenenou-me o Sonho ! . . .

BERTHOLETIA EXCELSA

Se ha uma arvore feliz, de certo é a castanheira :
No bosque ella resplende alta e dominadora.
A arvore da balata essa é tão soffredora,
Inspira compaixão a *hevea*, a seringueira !

Ella sosinha é um bosque e enche toda a clareira . . .
No ouriço a natureza o seu fructo enthesoura
E a colheita presente e a colheita vindoura
Eil-as todas na fronde augusta e sobranceira.

Na casca não se vê signal de cicatrizes,
De feridas crueis por onde escorre o latex . . .
No seu orgulho é assim como as imperatrizes !

Se a posse é disputada entre explosões de nitro,
Na lucta em que se queima a polvora aos arrateis,
—O fructo é quasi o sangue : é negociado a litro !

O POETA E A SOMBRA

Da brancura do marmore e do gesso,
Quando as estrellas vejo, além, na bruma,
Certa mulher fallar-me a sós costuma
De outros céos, de outros sóes, que não conheço.

Vem num vôo de passaro e de pluma,
No emtanto ao vel-a pallido estremeço:
Lembra-me a voz, num mattagal espesso,
Leve e leve o cahir da sumauma . . .

— Quem és tu que ao meu Tedio e Desventuras
Dás o nectar de Amor que me conforta
E vens poupar-me ás lagrimas futuras?

Quem és tu, que a outras terras me convidas
E que, pé ante pé, nesta hora morta,
Elogias a morte dos suicidas?

II

E quando a Lua já no Céo não arda
E não haja mais trevas e vampiros,
Ella se eleva aos sideraes retiros,
Presentindo chegar o Anjo da Guarda . . .

Então tudo na Terra me acovarda,
Sinto no craneo da Loucura o virus
E a pensar fico, em morbidos suspiros,
Que a vida cança, a vida é uma mansarda.

Ó sombra que me buscas e me queres,
Desconfio de ti, que assim me fallas,
Tentas no mundo os homens e as mulheres . . .

Ouve a oração que minha mãe me trouxe . . .
E estas phrases ouvindo, ao escutal-as,
Deu a Sombra um gemido e retirou-se . . .

ENCANTAMENTO

Quando tiveram fim nossos amores,
Quando este amor morreu forte e impolluto,
As graúnas vestiram-se de luto,
Cobriram-se de negro os beija-flores.

O arco-iris perdeu as vivas cores,
A agua parou na fonte e no aqueducto.
Por mais que attente o ouvido não escuto
Na selva os Mestres Musicos Cantores . . .

Vê : para mim não mais existe a vida.
Abri do pranto a humida represa,
—Os amores de Fausto e Margarida ! . . .

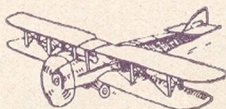
Volta de novo, essencia da belleza,
E traze o que levaste na partida :
O sol, o canto e a graça á Natureza.

VELHAS ESTRADAS REAES

Velhas estradas reaes, velhos caminhos,
Caminhos de vai-vens e encruzilhadas,
Sois como eu a penar, velhas estradas,
Velhas estradas sois como os velhinhos.

Como vós, vivo assim cheio de espinhos,
Espinhos de Saudades lanceoladas
E, se dos homens sois abandonadas,
Abandonado vou pelos caminhos . . .

De longe em longe uns mastros na agonia,
Como na guerra as abatidas hostes,
Onde outr'ora o telegrapho tremia . . .

Eu tambem, quando não puder mais ver-vos,
Os meus ossos vereis — cahidos postes
Da rede telegraphica dos nervos.

COUTINHO E SACADURA

A esta patria aportais — berço rude e ainda informe,
Sobre as asas triumphaes da grande aguia ou condor:
Em caminho encontrando o velho Adamastor
E encontrando ao chegar o «gigante que dorme».

O rochedo S. Paulo, a sentinella enorme,
Pedira o santo e a senha: (eram *Camões*! e *Amor*!)
Não o ouvistes talvez com o ronflar do motor,
Das ondas com o bramir monotono e uniforme . . .

Mas o engano desfeito e remediada falta,
Na fuselagem, rubra, a grande Cruz de Malta,
Livre, o avião outra vez demanda o céo de anil . . .

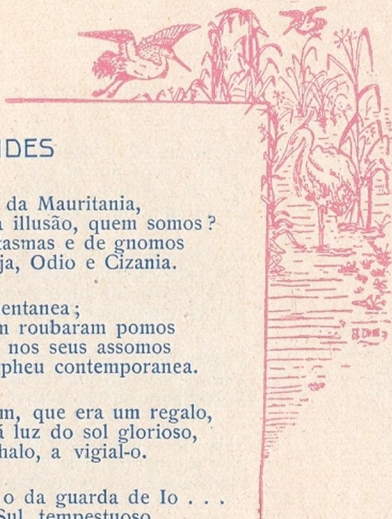
Irmãos, guardai-lhes hoje a bussola ou compasso:
Que elles sem mais noção da distancia e do espaço
Não nos possam deixar nem deixar o Brasil . . .

PESCADORES

O poeta é um pescador e o pescador é um poeta:
Ambos vivem no mar — um verde mar bravio;
Silenciosos os dois, horas e horas a fio,
No seu afan ou *sport* ou lida predilecta . . .

Têm algo do albatroz e da gaivota inquieta;
Do martim — pescador, do cormorão sombrio;
Assim pescam — a Ideia ou o peixe luzidio;
Nesse mister a penna é um canniço e é uma setta.

Ha o que mergulha na onda uma linha comprida,
— Dante Leopardi, Homero, Hugo, Virgilio e Horacio —
Nesse Mediterraneo insondavel da Vida . . .

Uns pescam camarões, outros — simples sardinhas;
Mas, ha o arpoador audaz que persegue o cetaceo,
Elle somente e Deus — nas solidões marinhas . . .

O' filhas de Atlas – rei da Mauritania,
Quem somos nós nesta illusão, quem somos?
— Um bando de phantasmas e de gnomos
Aos caprichos da Inveja, Odio e Cizania.

Toda felicidade é momentanea;
Do meu pomar tambem roubaram pomos
E a minha dor é igual nos seus assomos
A' vossa, que é de Orpheu contemporanea.

Tambem tive um jardim, que era um regalo,
Com fructos de oiro, á luz do sol glorioso,
E um dragão multicéphalo, a vigial-o.

Era um dragão, como o da guarda de Io . . .
– Não sei se o vento Sul, tempestuoso,
Não sei se a Morte, m'o deixou sombrio!

HOMO SUM . . .

Nas longas horas de aborrecimento
Em que a alma fica assim como na prece
E a estrella do Pastor nos apparece
Como noiva exilada num convento,

Scismo sobre o passado luctulento
Desses que a Morte fez copiosa messe,
Esses que breve a humanidade esquece
E as cinzas vão se dispersando ao vento . . .

Scismo no heroe desconhecido e obscuro,
Naquelles que tombaram cento e cento
E nem são mais lembrados no futuro . . .

Raro quem vence as éras e o Silencio
Só com uma phrase, um verso, um pensamento:
— *Homo sum* . . . fez a gloria de Terencio! . . .

A NOVA PLEIADE

Apraz-me ouvir cantar a gente nova,
— Os moços poetas e os desconhecidos
E mais que tudo encantam-me os ouvidos
Os threnos dos que foram para a cova.

Dos moços escutando os alaridos
Um Luiz Delphino, um velho, se renova
E são, no reino olympico da Trova,
Muitos chamados, poucos escolhidos . . .

Poetas felizes e outros infelizes,
Versos fazendo em todos os matizes,
De toda sorte, credulos e incréos,

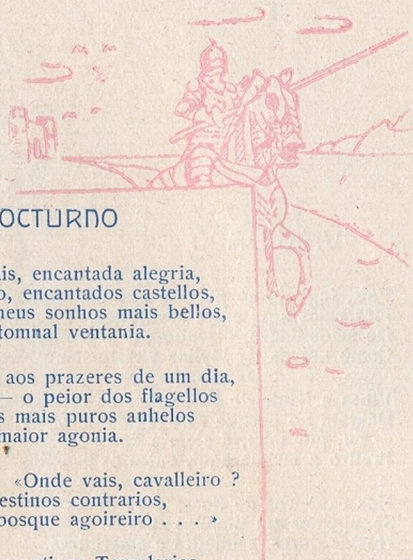
Seja até vosso numero infinito,
Aos sacerdotes fieis do Grande Rito
Não faltará nunca um logar nos céos . . .

DONA SOL

Quando a fome a enfrentar sabre e metralhadora
Talando e devastando os municipios vinha,
— Com uma cruz no chapéo, a cruzada maninha —
Dona Sol se cobriu de gloria immorredoura.

Todo o povo em tropel foge de Barreirinha . . .
Morte aos judeus! Emtanto, o grande crime fora
Dessa raça infeliz, sobria e trabalhadora
Vender caro a fazenda e os carreteis de linha !

Guarda a heroina o lar contra o assalto atrevido;
Vê-se a turba em redor ululante e fremente;
Do estabelecimento anda ausente o marido.

A um bandoleiro audaz ella prostou, sosinha,
— O primeiro que ousou conspurcar-lhe o batente —.
Heroica Dona Sol que salvou Barreirinha ! . . .

CAVALLEIRO NOCTURNO

Minha — que não vens mais, encantada alegria,
Meus — que não mais vejo, encantados castellos,
A desgraça levou-me os meus sonhos mais bellos,
Arrasou minha torre a outomnal ventania.

Aos prazeres de outr'ora, aos prazeres de um dia,
Succedeu-me um flagello — o peior dos flagellos
E a mais pura illuzão e os mais puros anhelos
Succumbiram de dôr, na maior agonia.

Diz um guarda-floresta: — «Onde vais, cavalleiro ?
Julgo ver-te a fugir aos destinos contrarios,
Á noite, a galopar neste bosque agoireiro . . . »

— Sou um sobrevivente aos antigos Templarios,
Um poeta, um paranoico, um vencido guerreiro,
Um homem que serviu de alvo aos fundibularios ! . . .

CONSELHO

Ha corações tão vis, que ante os castigos
— Inda mesmo os mais duros e maiores —
E o diluvio das lagrimas que chores
São frios como as lousas dos jazigos . . .

Já fui duro tambem com os inimigos,
Os criminosos grandes e menores;
Hoje, mudei : *ó tempora, ó mores,*
A todos, hoje, quero como amigos.

Mas, são taes os ingratos e são tantos,
Que é mister sempre teres mil cuidados
Quando a alguem fores enxugar os prantos :

Nunca sirvas ninguem com sacrificios !
E's homem . . . és do rol dos desgraçados,
Dos desgraçados vai perdoando os vicios !

VIRGILIANO

Pois, fugindo ao pesar e aos desenganos,
Ficaremos aqui entre arvoredos,
De mãos dadas, dizendo-nos segredos,
Como noivos de idylios virgilianos.

Vibra a flauta de Pan sobre os rochedos,
Dansam no bosque as nymphas e os sylvanos . . .
— Eu, por mim, á alegria entre os humanos,
Prefiro a magua aqui, entre os penedos.

Nos canteiros de flores e verduras
Sepultemos em tumulos suaves
Nossas dores, saudades e amarguras.

E, amando-nos com toda a singeleza,
Juntemos nossa voz á voz das aves
Na excelsa adoração da Natureza ! . . .

PELAS ESTRADAS DA ARCADIA

Conta um historiador que os indios araucanios,
Essa tribu immortal de atrevidos guerreiros,
Faziam, no seu odio, aos mortos prisioneiros,
Pifaros e oboés das tibias e dos craneos.

Tal foi feito a Valdivia e aos seus fieis companheiros,
Cuja memoria o Chile engrinalda a geranios
E oppunham como heróes, esses tigres hyrcanios,
As flexas aos falcões, berços e arcabuzeiros . . .

Na Grecia de Endymião, na amorosa Livadia,
O deus Pan desafiava a harmonia dos ninhos
Numa canna a soprar, pelas selvas da Arcadia . . .

– Das mortas illusões fiz instrumentos varios
E vou cantando como Pan, pelos caminhos,
Como araucanios, meus gorgeios solitarios . . .

SEMPRE VIVA

Arda em fogo a campina, ermem-se os valles,
Reseque a matta o torrido mormaço
E, terra immensa, sob a luz do espaço
Te abrases toda e em convulsões estales;

Incline a flor o melindroso calix
Morta de sol, da terra no regaço
E, ave sonora, morta da cançaço,
Um canto apenas de amargura exhales;

A planta o triste e moribundo galho
Eleve para o carinhoso orvalho,
Para o sereno firmamento escampo;

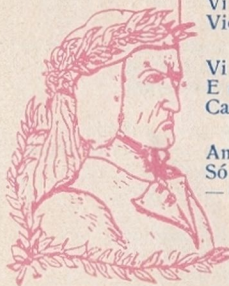
Inda uma flor ha de brotar festiva :
Da Caridade a loira Sempre Viva
Eternamente ha de enflorar o campo.

O MESTRE

Bato um dia, cançado, á porta da officina,
No *Pont-Vieux,* em Florença, uma tarde de Maio :
Cinselando, escandindo uma obra ou um ensaio
Vi B. Lopes, Cellini e Bilac e Bartrina.

Havia em torno a uncção da Capella Sixtina.
Cruz e Souza, orgulhoso, olhou-me de soslaio ;
Vi Cervantes, cantor do berço de Pelayo,
Victor Hugo — o albatroz, o condor, a aguia alpina.

Vi Dante, que desceu do Inferno a funda gorja
E os reveis encontrou nas fogueiras terriveis . . .
Castro Alves temperava uma espada na forja.

Anthero do Quental dialogava com a Gloria . . .
Só B. Lopes me ouviu, dos deuses impassiveis,
— O Mestre dos *Brasões,* de eviterna memoria !

ANTE O CADAVER DE UM LIRIO

Hoje, afogado na amargura extrema,
Tendo nalma os crepusculos de Agosto,
Que a Dôr que eu sinto em perolas no rosto
Planja nos versos e em saudades gema.

Agonias do Sol na hora suprema,
Maguas da Tarde, maguas do Sol posto,
Tudo que evoca a lagrima e o desgosto
No bronze triste das estrophes trema

Do Peccado fugindo ás duras fraguas
Seguirás, lirio tremulo, nas aguas
Que vão correndo para ethereos climas . . .

Eu ficarei no morbido abandono;
A Tristeza a envolver-me, qual o Outomno
Sobre um frondoso laranjal de rimas.

OLHOS

São teus olhos, de Santa entre os anjos descida,
Para levar-me ao Céo ou levar-me ao Peccado,
Venezianas que dão para um mar azulado,
Verde e duplo mirante aberto sobre a Vida.

Meu olhar é o de um rei que depois de um reinado
Numa terra de Sonho, entre as nevoas perdida,
Morre como Saul, o grande rei suicida,
Pelo gladio do Tedio agudo e lanceolado . . .

Que contraste entre os teus e os meus olhos e olheiras !
Os teus, têm dos pombaes a alegria sonora;
Os meus, fazem lembrar ogivas e setteiras

De um castello feudal, sobre o mar, num recife,
Onde um duende, uma sombra, um prisioneiro, chora
Como Edmundo Dantés na fortaleza d' If . . .

A MAIS BELLA

A mais bella mulher, nunca ha de ser achada . . .
Talvez ella existisse em época primeva:
Tinha os olhos de lua e os cabellos de treva,
Tinha o perfil de serpe e a graça da alvorada.

A mais bella mulher, dos deuses desejada,
Foi Venus, que floriu numa estancia longeva;
Foi Beatriz, ou Julieta, Hero, Cassandra ou Eva,
Helena, que levou Troia ao infortunio e ao nada . . .

A mais bella mulher, foi Francesca ou Cordelia;
Foi Carlota ou Virginia ou Marilia ou Ophelia;
Foi Rachel, Salomé ou Pallas Atheneá.

A mais bella mulher, foi Maria — a Abençoada,
Essa que amou a Deus e de Deus foi amada,
E encantou todo o mundo e viveu na Judéa! . . .

NOCTURNO

Rosa branca, da noite a extinguir-se no jarro,
Da noite a resvalar pelas tranças esquivas,
Surge a Lua. Ha na treva um perfume bizarro,
Abotoam no Céo rosaes de sempre-vivas.

Almas na terra exues, negras Almas captivas
Abandonam nesta hora a grilheta de barro
E vão lestas flaflando azas de patativas . . .
Arrastam-me os dragões do meu Sonho num carro.

Sonambulas a rir nas Espheras sonoras
Passam noivas em flor, myrtos pelo regaço,
Andam leves, subtis os phantasmas das Horas.

Nada espanca a tristeza e o silencio das onze;
Dorme a Terra em torpor sob a tenda do Espaço,
Qual um verme a dormir sob um sino de bronze!

LYRA AZUL

Tive uma lyra azul que deixei num adelo:
Se não era um instrumento heroico, grande estylo,
Se não tinha o esplendor da turqueza ou o beryllo,
Valia tanto ou mais que um machado ou um cutello.

Era todo o meu sonho e todo o meu anhelo,
Meu retiro de paz, meu bonançoso asylo:
Cantara muita vez, ora a Venus de Milo,
Ora ás deusas pagãs erguera um ritornello . . .

Um dia a procurei, diz-me o adelo, esse dia:
— «Veio alguem, era um poeta—era obscuro ou em destaque?—
Julguei não viesses mais, passei-a adiante e vendi-a.»

— « O' minha lyra azul, ó minha lyra — a bella ! . . . »
— « Não lhe serve esta aqui ? pertencia a Bilac . . . »
— « Essa ninguem na quer . . . quem tem cordas para ella ?... »

BOLSHEVISMO

Ouço lá fóra um vozear que espanta,
Um vozear de lémures, sombrio . . .
« Senhor, o povo – encachoeirado rio,
Vem sobre vós, o povo se levanta ! »

« Deixal-o vir que nada me aquebranta;
A Dor deixou-me inteiramente frio:
Salvem-me apenas meu formoso trio,
— Minha lyra, meus filhos, minha Infanta !

Oiro ? só o tenho numa ou noutra estrophe
E vos affirmo ao certo, não conheço
Vladimir nesta zona ou Romanoff . . .

Terras ? avivo esta memoria nua
E me lembro sómente e as offereço,
As que me deu minha madrinha, a Lua ! »

PREITO

Henrique Sienkiewicz, os tempos neronianos,
Desenterrou, brandindo um alvião e uma pá
E os costumes de então e usos que, seculos ha,
Dormiam sob o pó dos sudarios romanos.

Da sua obra genial, disse alguem: «não é má;
E' um estudo superior do maior dos tyrannos.
Mas . . . para que essa atoarda e rumores ufanos?
Esse polaco é bom . . . mas não vale Dumas!»

— A nova geração que heroica se levanta,
(Eu não fallo por mim, – desgraçado, quem sou eu?)
Essa gente que pensa e essa gente que canta,

Despreza e não tem phrase ou palavras sinceras
Para o nosso infeliz – Casimiro de Abreu . . .
— Por que tanta injustiça ao auctor das *Primaveras?*

VINHO DA MORTE

— Ó tu que encerras dentro d'alma o espinho
Do Tedio immenso que envenena e fere,
Levo-te ao Céo do Dante Alighieri,
Dou-te a beber o sempiterno vinho.

E ao desgraçado, que viveu sosinho,
Da magua entoando o triste miserere
O Sonho augusto que a illusão suggere
Abre em rosaes as urzes do caminho.

E elle sobe a esse espaço luminoso
Onde as aves, em vão, procuram pouso
E onde as Aguias do Sol fazem o ninho . . .

Sorve o falerno embebedante e forte
Da Gloria e encontra nessa altura a morte,
— *Delirium tremens* do tremendo vinho.

JOSE' DE ALENCAR

Para fallar de vós nem todo um poema.
Ouvi-me esta canção, Mestre, escutai-a!
Trago em meu verso o canto da jandaia
E todo o mel dos labios de Iracema.

Verdes mares bravios que em suprema
Angustia estertorais de praia em praia,
Ante a Saudade a vossa dor desmaia;
Ondas! deixai que esta Saudade gema.

Serenai, verdes mares, que a jangada
De que sou timoneiro, com denodo,
Vai á Morte levar uma embaixada.

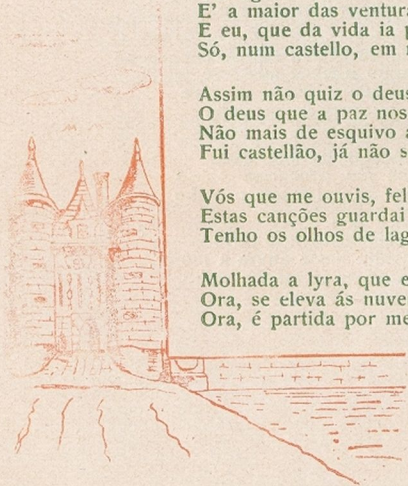
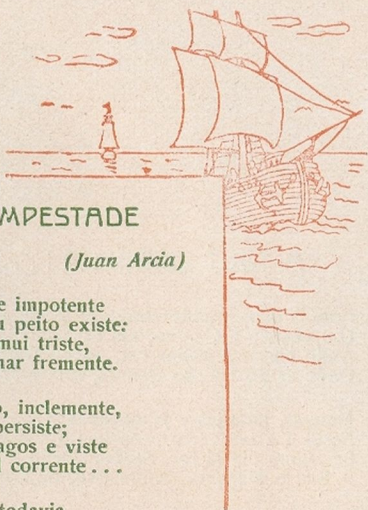
Vai levar a esse espirito portento
O nosso Amor todo um queixume, todo
Um carnaubal ao vento!...

O PEREGRINO APAIXONADO

Ver agora e adorar a tua imagem
E' a maior das venturas que ambiciono,
E eu, que da vida ia passar o Outomno,
Só, num castello, em meio da folhagem!

Assim não quiz o deus do amor selvagem,
O deus que a paz nos arrebata e o somno...
Não mais de esquivo á lei do amor blasono,
Fui castellão, já não sou mais que um pagem.

Vós que me ouvis, felizes namorados,
Estas canções guardai: ao escrevel-as
Tenho os olhos de lagrimas molhados.

Molhada a lyra, que em soluços debeis,
Ora, se eleva ás nuvens e ás estrellas,
Ora, é partida por meus dedos flebeis!...

DURANTE A TEMPESTADE

(Juan Arcia)

Senhor, meu labio torna-se impotente
Para pintar o que em meu peito existe:
Algo de mui recondito e mui triste,
Hirto despojo sobre um mar fremente.

Tu cruzaste este mar duro, inclemente,
Onde uma noite lugubre persiste;
Contemplaste-lhe os naufragos e viste
Naufrago a Pedro na fatal corrente...

Senhor, muito soffreste e todavia
Venceste a morte, as dôres e o peccado
E perdoaste as blasphemias mais hediondas...

Salva-me a mim nas horas da Agonia!
Resuscita-me a fé e que a teu lado
Vá caminhando firme sobre as ondas!...

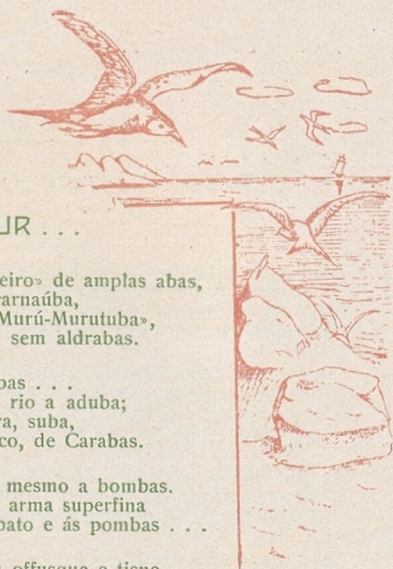
O LAPIDARIO

(*A. Belval Delahaye*)

Quando um dia eu parti, do meu berço natal,
Creança ainda, porém, com o amor que tenho agora
E, caminhante da Arte,—a Arte que esta alma adora,
Dirigia-me ao céo, este céo de cristal;

Attingindo os confins do paiz oriental
Eu bati certo dia á officina da Aurora;
Deus, pousando o martello á bigorna sonora,
Abre a porta: «quem és?» diz-me quasi brutal.

—«Mestre, um aprendiz eu sou da arte eterna da rima!
Desejava saber trabalhar bem com a lima
Essas joias sem par, que fulgem como os sóes...»

E o Mestre, então, gentil, fez-me ver a officina;
Franqueou-me a ferramenta encantada e divina
Com que fizera o sol, a lua e os arrebóes...

A TOUT SEIGNEUR . . .

Com o meu grande «sombreiro» de amplas abas,
Um chapéo a Cyrano, em carnaúba,
Ando em meu «sitio» em «Murú-Murutuba»,
Onde as portas são francas, sem aldrabas.

Mangas, laranjas e jaboticabas . . .
Fertil é a terra — o proprio rio a aduba;
Se algum dia lá for, Senhora, suba,
— Sou o Marquez, muito rico, de Carabas.

Pesco á tarrafa, a anzol ou mesmo a bombas.
Tenho uma «Holland», uma arma superfina
E outra «Ideal» e atiro ao pato e ás pombas . . .

E antes que a noite os céos offusque e tisne,
Volto no meu hiate á gasolina,
— O meu hiate idolatrado — a «Cysne» !

II

Appareceu na minha propriedade
Repleto de importancia e de eloquencia
Um agente qualquer da auctoridade
Que em meus prazeres toma interferencia . . .

— «Aqui venho, fazer-vos a advertencia
Que é prohibida do peixe a mortandade
E que atirar de Mauser é imprudencia,
Ainda mesmo bem longe da cidade . . . » —

— «Dize a quem te mandou, que estou sciente !
Prestarias á lei melhor serviço
Sendo gentil e menos insolente.

Quasi não mais o teu discurso acabas . . .
E não receias . . . vir dizer tudo isso
Ao Marquez poderoso de Carabas? . . . » —

INVERNO

Quando o Inverno chegar e o azul celeste
Destes céos apagar e aos sóes os lumes
E outro manto á montanha ornar os cumes,
Outro, e não esse que a montanha veste;

Quando a tribu das azas e perfumes
Armar a tenda sobre o campo agreste
E aos galopes furiosos do Nordeste
Se assustarem os passaros implumes;

Rolarão novamente dos espaços
As aguas torrentosas da invernia
Enchendo o rio e os seus milhões de braços . . .

— Só o rio azul de minha Mocidade
Secca os braços que dão para a Alegria
E enche os braços que dão para a Saudade !

TORTURA DAS TORTURAS

De perto, sem pesar, vi morrendo os suicidas
E vi com o mesmo olhar frio de um homem rude
Mulheres — tendo á face um rosal de saude,
Leprosos — tendo á pelle um rosal de feridas.

Indifferente fui a estas mortes e vidas . . .
Pude ver a moral lançada aos cães e pude
Assistir desfilar dentro de um ataúde
As minhas Illusões a punhaes succumbidas.

Mas, de um homem eu sei, entre maguas nascido,
Que não foi criminoso e viveu criminado
E em presença do qual me senti commovido.

Talhado para o Amor viu o Amor tão lá em cima . . .
E soffreu longamente e morreu torturado
Na Santa Inquisição Dolorosa da Rima.

OLHOS BIBLICOS

Nos teus olhos em flor onde o meu Sonho asylas,
— Um guerreiro ferido, a morrer numa tenda —
Ha uma luz sideral de alvo luar de legenda,
Sinos a badalar á tardinha nas villas.

Meu olhar, contemplando essas dubias pupillas,
E' um Rei Mago a chegar por empoeirada senda
Do paiz oriental da duvida tremenda
A um paiz de bambuaes e lagunas tranquillas.

Os teus olhos azues são cisternas, são urnas.
O' da-me de beber, és a Samaritana,
Novo Christo, viajei por desertos e furnas.

Fitem-se assim nos meus os teus olhos risonhos:
Eu serei um Jacob de uma Biblia profana
Conduzindo a beber um rebanho de sonhos.

ALEXANDRE

Quando a guerra cruel corria accesa
E Alexandre succede a Constantino,
O moço rei ligara o seu destino
De uma moça da Hellade á belleza.

Todo o povo censura S. Alteza,
Mas Venizellos — diplomata fino,
O protocollo rispido — ladino,
Concilia com o amor da realeza.

Correram mundo os desvarios regios . . .
Contra amor tão feliz e tão profundo
Deuses e homens fizeram sortilegios

Da morte, o rei, nenhum poder exime-o:
Succumbe de um macaco ao dente immundo . . .
— O Inveja humana, foste aquelle simio ! . . .

O THESOIRO

(EÇA DE QUEIROZ)

Os tres irmãos de Medranhos,
Ruy, Guannes e Rostabal
Tiveram oiro, rebanhos,
Mais um castello feudal.

Coitados, deitam-se agora
Famintos, rôtos; sem lume,
Ouvindo o vento que chora
Sobre o castello um queixume.

Uma manhã, (cousa extranha
De certo a quem não souber
Que o caso se deu na Hespanha
No tempo de um rei qualquer)

Andando os tres pelo monte,
A cavallo, se não erro,
Encontram junto a uma fonte
Um grande cofre de ferro.

Cada um então se approxima . . .
Tres chaves no cofre; tres
Compartimentos; por cima
Um nome, arabe talvez.

Sentem emoção tamanha
Abrindo o cofre . . . Pudéra!
Se nem mesmo o rei da Hespanha
Jamais tanto oiro tivera.

Oiro! Agora um, a cavallo,
Devia á aldeia ir buscar
Os saccos para leval-o
E vinho e carne: um jantar.

Porque os irmãos, desgraçados,
Ha pouco e agora felizes,
Estavam fartos, cançados
De fructos maus e raizes.

Mas dos tres nenhum querîa
Partir para a aldeia, pois,
Algum perigo corria
O cofre em poder dos dois.

Diz o de modos mais graves:
Vou, sem duvida nenhuma;
Mas, tendo o cofre tres chaves,
Por cautela levo uma.

Este era o avisado Guannes.
Retortilho é aonde elle vai;
Floresta de Roquelanes
Agora á selva chamai.

Mette uns dobrões na sacola,
Vai direito a Retortilho
E uma canção hespanhola
Solta, de um doce estribilho . . .

II

Diz Ruy, olhando o thesoiro:
Ah! Rostabal, Rostabal,
Guannes se achasse este oiro
Não nos daria um real.

Depois, Guannes é doente;
Não lhe faria proveito;
A' noite, constantemente,
Tosse, elle soffre do peito . . .

Tudo perderia aos dados
Que é jogador contumaz;
A nós dois esses ducados
Aproveitariam mais . . .

Diz Rostabal: a um espadeiro
Ganhou uma vez tanto escudo,
Ganhou . . . negou-me dinheiro
Para um gibão de velludo.

E Ruy: thesoiros tamanhos
Não fossem de ninguem mais,
Seria o nosso Medranhos
Rei dos castellos feudaes.

O bosque é silencioso;
Aqui, quem ha que o soccorra?
E Rostabal, furioso:
Pois que morra! pois que morra!...

Postam-se os dois de emboscada.
Diz Ruy ao outro: como és
Mais forte que eu, a estocada
Dá-lhe ao passar, de travéz...

III

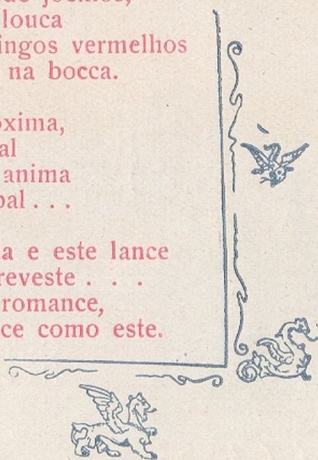
O Sol amortece o brilho,
Morre nas grimpas do outeiro;
De volta de Retortilho
Regressa o audaz cavalleiro.

Eis que subito na estrada
Dá-lhe um golpe Rostabal.
Um golpe, não foi mais nada;
Guannes cai morto afinal.

Rostabal depois, de joelhos,
Lava em alegria louca
No riacho uns pingos vermelhos
Que lhe cahiram na bocca.

Nisto, D. Ruy se approxima,
Pé ante pé e um punhal
Com toda força que o anima
Fundo crava em Rostabal...

A historia é velha e este lance
Um plagio fino reveste...
Já li num velho romance,
A Biblia, um lance como este.

IV

D. Ruy alegra-se. O' aves,
Cantae. O' sylphos, correi!
D. Ruy possue as tres chaves,
D. Ruy agora era um rei.

Teria servos, baixellas,
Jardins de rosas purpureas
E nos braços as mais bellas
Das castellãs das Asturias.

Teria innumeros rebanhos
E um templo todo europeis
Para a missa dos Medranhos
Mortos . . . contra os infieis.

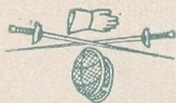
Depois senta-se e sosinho
Come, ha dois dias não come.
Ah! como é bello este vinho
E como é triste ter fome.

Ergue-se após . . . Cambaleia.
Quer cavalgar o animal.
Mas fica tão longe a aldeia
E elle se sente tão mal!

Em sêde busca o riacho;
Falta-lhe aos pés o terreno . . .
Tremulo, os olhos em facho,
Grita D. Ruy: é veneno!

De olhar vitreo, como absorto
Na Morte, morre depois . . .
(Guannes antes de ser morto
Quiz envenenar os dois).

V

Aqui finda a historia triste
De Ruy, Rostabal e Guannes.
O thesoiro . . . esse ainda existe
Na matta de Roquelanes.

A' FRANÇA

Eu amo a França, não porque tenha quizilia
Aos allemães, após a guerra dos Cinco Annos;
Não por ter odio ao teuto (escrevi os *Uhlanos)*
E de francezes vir ainda a nossa familia.

No *Qui vive ?* e *Wer da ?* passaria em vigilia
Com os gaulezes no *front* e os negros africanos,
Muito embora, admirando os trechos wagnerianos
E o Gœthe, que cantou sob a avelleira e a tilia . . .

Pode Dugay – Trouin nos trazer assustados
E bloquear novamente esta patria formosa
E um tributo exigir de milhões de cruzados . . .

Viverá este amor que vem desde eu creança,
Desde que soletrei a epopéa assombrosa
De Carlos Magno e dos Doze Pares de França ! . . .

RHENO

Rio de átras visões e de lendas sagradas,
— O rival do Danubio em castellos roqueiros,
Escutam-se em teu seio os genios agoureiros,
Formosa a « Lorelei » canta tristes balladas.

Alfredo de Musset, das rimas encantadas,
Outr'ora te exaltou nos seus hymnos guerreiros;
Mal se extinguiram no ar os cantos derradeiros
O canhão trovejou nas ribas escarpadas . . .

Por te possuir ver-se-ão ainda em luctas eternas
Os povos, as nações futuras e modernas,
Emquanto alguem tenha odio e rancor e se zangue . . .

E o viajor ainda julga encontrar a deshoras
O novo Tamerlão sobre as pontes sonoras
E o « feldgrau » ainda em marcha e ensopado de sangue ! . . .

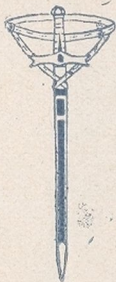
MEMORIA

Quando esse Corso audaz imperava na França,
Na megalomania insana que o atordoa,
Ordenou a Junot marchar sobre Lisboa
Aprisionando o rei da casa de Bragança,

D. João VI no mar põe a sua esperança.
Nos ufanos galeões que iam á India e a Quiloa:
Fidalgos, generaes, servos, bens da coroa,
Tudo o nosso Brasil, a grande patria, alcança . . .

E fundeiam no porto as naus com os seus pavezes,
Entre as acclamações e o tambor e a charanga . . .
— Como eram bons e são ainda hoje os portuguezes . . .

Da Independencia após que é sôam os cantos:
Vem José Bonifacio, o grito do Ypiranga . . .
E os braços amoraes da Marqueza de Santos! . . .

JAPÃO

Japão das *musumés*, das canções, nesse duello
Em que empenhado estais e essa nação de slavos
Vós sois um povo livre, ella — um povo de escravos.
De cada japonez a alma é um vivo castello.

Nicolau, o senhor de baraço e cutello,
Pretendeu subjugar uma nação de bravos:
Pois em terra e no mar vingareis taes aggravos
Ou não mais fulja o sol sobre o Mar Amarello!

Dai-Nippon dos bambús e varandas de jade,
Se a velha Europa em peso — excepção dos Inglezes —
Um apoio vos nega, olhai a immensidade:

Na America, em geral, mal rebenta a borrasca,
Os nossos corações são todos japonezes,
Desde a Terra do Fogo ás geleiras do Alaska!

O DRAMA DE CORONEL

Fragil cruzeiro inglez, descuidoso, examina
As paragens do Sul, que o Grande Oceano banha,
Quando se lhe depara — infelicidade extranha —
A esquadra dos teutões, que vem do Mar da China.

Como sempre, o mais forte é do mais fraco a ruina
E nesse dia Thor favorece a Allemanha:
A melhor posição Wotan occupa e ganha,
Fica em treva e ao inimigo o sol poente illumina . . .

Succumbem na fornalha incandescente e rude
Os marujos de Drake e de Nelson e de Hood,
De coragem brutal num poderoso rasgo . . .

E o encapellado mar traga na hiante fauce
Homens e almas e as naus — o «Good-Hope» e o «Monmouth» . . .
Só o «Otranto» se salva e o pequenino «Glasgow»!

A DESFORRA DE MALVINAS

II

Alguns dias depois deste desastre horrivel
Que encheu de lucto e dor as multidões londrinas,
Do Mediterraneo ou além chegaram ás Malvinas
O «Invencivel», o «Kent» e outros mais e o «Inflexivel».

A alma da grande Albion levantara-se ao nivel
Da derrota, a vingar as duas naus franzinas;
Uma esquadra equipou que fosse a ultramarinas
Plagas e que vencesse a Germania terrivel!

Von Spee nem sonhara encontrar a armadilha
Da grande esquadra ingleza, escondida na ilha,
Que o alveja sem cessar e o persegue com afinco . . .

Da vergonha anterior nem de lama um salpico . . .
Só com a fuga se escapa o «Atila Frederico».
— Vencedor é o canhão de trezentos e cinco.

A' BELGICA

Berço de Rodenbach, ó Belgica formosa,
Presentindo em teu solo os teutões atrevidos,
Todos, moços e anciãos, os noivos e os maridos,
Correm cheios de ardor aos baluartes do Mosa.

Terra desses heroes, mortos mas não vencidos,
— Um mixto de Cornelia e Mater Dolorosa.
Só Dixmude, ao norte, ainda resiste anciosa;
A agua dos seus canaes é o sangue dos feridos.

Hoje a desolação, a aza da morte, esconde
Apraziveis locaes em que outr'ora, altaneiras,
Eram Lovaina — a sabia e a risonha Thermonde.

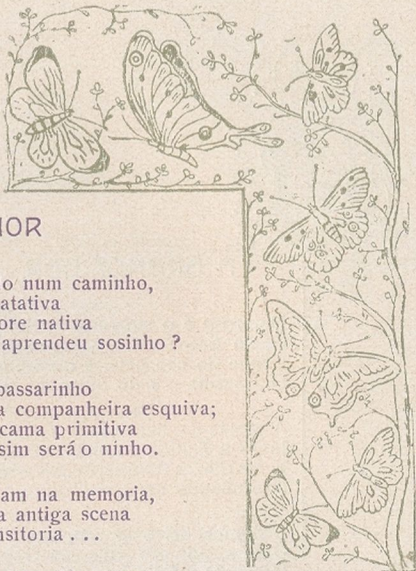
E emquanto os filhos vão por plagas extrangeiras,
Pobres creanças gentis, sem paes, não sei por onde,
Os homens, como leões, morrem sob as bandeiras!

II

Não mais o carrilhão nas torres de Malinas . . .
Contra o inimigo audaz não ha mais fortaleza ;
Bruxellas é invadida — a victima indefesa;
Antuerpia vai cahir entre obuzes e minas.

Depois vem a invasão e a desgraça e as ruinas.
Aos pés de Von der Goltz toda a Belgica é presa;
Só tu, velho Mercier, com teu verbo e firmeza
Nabuchodonosor, implacavel, fulminas . . .

A rainha Elizabeth é um lirio immenso e raro
Que os feridos consola e as creanças protege.
Gloria á nação de heroes que salvou Cantaclaro!

Livre a raça de heroes o Deus que os povos rege!
E o Grande Alberto ahi vem : forte e bello o comparo.
Com o elmo dos *poilus*, aos bastiões de Liége! . . .

VIDA ANTERIOR

Passaro implume achado num caminho,
Canario, rouxinol ou patativa
Cresce afastado da arvore nativa
E eil-o a cantar: como aprendeu sosinho?

No mesmo caso desse passarinho
Juntai-lhe um outro — a companheira esquiva;
Foi musgo ou paina a cama primitiva
De seus paes? Pois assim será o ninho.

E' que as aves conservam na memoria,
Como todo outro ser, a antiga scena
Da vida anterior e transitoria . . .

Vem de outras vidas minha dôr e pena . . .
Vibro, sabei, não por amor á Gloria
Mas de amargura a minha rude avena.

PECCADOS E MAGUAS

Como recordação que apunhala os Vencidos
O remorso me vem dos delirios passados:
Gosos de hoje, amanhã sereis nossos peccados,
Risos de hoje, amanhã sereis nossos gemidos.

Aos meus gritos de dor fecharam-se os ouvidos,
Ninguem vi que enxugasse os meus olhos molhados,
Dos caminhos que andei trago os pés lacerados,
Tantos passos que dei foram passos perdidos . . .

A Dor põe na minh'alma a voz dos cyparisos . . .
Quando acaso o prazer vem-me aos labios, supponho
Ser a magua que vem sob a fórma de risos.

E nesta vida assim de agonias bizarras,
Pelicano infeliz, dei meu sangue ao meu sonho
E um milhafre o meu sonho arrebatou nas garras.

A GRANDE DOR

Doloroso é o morrer bem longe, de Saudades,
Como Antonio Gonzaga, em torrão extrangeiro,
Longe do céo natal e do amor verdadeiro
De Marilia — a do olhar de brandas claridades.

A morte de Petronio — o moço do *Quo Vadis ?*,
Junto a Eunice a expirar, commove o mundo inteiro
E Murillo a tombar de um andaime altaneiro,
Desenhando um painel para a egreja de Cádix . . .

Uns, pela sciencia vão, como Augusto Severo ;
Outros, por seu paiz – o Guynemer lendario.
Desejada e feliz foi a morte de Nero !

Mas, a que enche de assombro e entristece aos extremos
E' a morte de Jesus, chorada no Calvario,
Por Maria, S. João, Magdala e Nicodemos! . . .

OLHOS NEGROS

Na luz do teu olhar, desse olhar onde Sirius,
Fulge como atravez de amplas janellas pretas,
Ouço á vIda as canções, ouço á morte as trombetas
E um nocturno violão doloroso em delirios.

Olhos onde a soffrer ineffaveis martyrios
Cantam psalmos de luz dois eternos planetas,
Fulgindo sobre um Céo perfumado a violetas,
Luzindo sobre um Céo de violetas e lirios.

Escuros florestaes onde se ouvem gemidos
De extranhos rouxinoes, como Christos, perdidos
Dos teus olhos nos dois jardins das Oliveiras.

Dupla Nossa Senhora a embarcar para a lua
Num curvo bergantim que entre flores fluctua,
Sobre a roxa galera oloral das olheiras.

BARRO AMARELLO

«A terra é boa: o homem é que não presta».
(Alberto Rangel «Inferno Verde»)

Do cemiterio o chão, aqui, a cova,
Parece de oiro: é lindo este amarello.
Aqui vieram fazer o seu castello
Os que passaram pela Grande Prova.

Os que têm fome de oiro, os que uma trova
Á auricidia cantaram com desvelo,
Aqui o têm sob a folha do cutello
Da Morte, curvo, como a Lua Nova.

As raizes das arvores tenazes
Não penetram no solo socalcado;
No emtanto viçam rosas e lilazes.

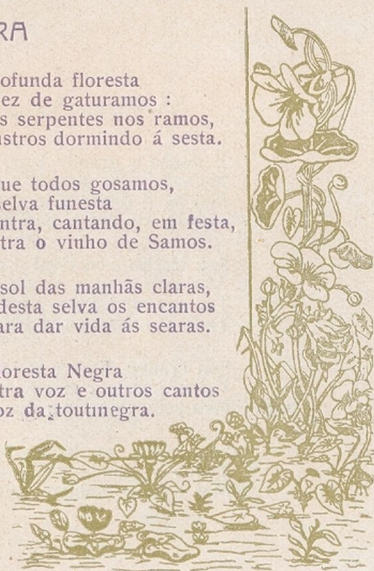
— Vais em visita a alguem que tua alma chora?
Liga-te a argila os pés ao chão . . . Cuidado!
Este barro amarello te devora! . . .

FLORESTA NEGRA

A minha vida é como a profunda floresta
Onde andam noitibós em vez de gaturamos:
Vê-se o cardo no chão e as serpentes nos ramos,
Os meus peccados são monstros dormindo á sesta.

O goso que passou, pois que todos gosamos,
Entra ás vezes a rir pela selva funesta
Como o sol num casebre entra, cantando, em festa,
Qual num peito romano entra o vinho de Samos.

Mas um dia, ao fulgor do sol das manhãs claras,
Ha de um Genio quebrar desta selva os encantos
E ha de o cardo morrer para dar vida ás searas.

E o viajante ouvirá pela Floresta Negra
Em vez do grito agudo outra voz e outros cantos
E em vez dos noitibós a voz da toutinegra.

SULAMITA

Quando chegou «Madame» da viagem,
— Com seis mezes ficara a Sulamita —
Exclamou, vendo-a alegre e tão bonita:
Nunca mais de a deixar terei coragem!

Mas em lucta era toda a criadagem:
A ama da creança, em casa, o odio excita
E accusavam-na, unisona era a grita,
Uns, de atrevida e alguns, de vadiagem.

« É ruim, é má, » dizia aquella gente.
Mas — um fino *biscuit* ou vivo chromo,
Entra aos braços da ama, de repente,

A minha filha, a minha flor de lotus.
E odios e accusações cahiram como
Castellos sob a acção de terremotos ! . . .

O GRANDE RUY

É morto o grande Ruy, elle, o Mestre, o primeiro
No saber, na virtude e o talento fecundo !
Mas se o dizeis primeiro, haverá um segundo ?
— Não, de certo, não ha um segundo ou um terceiro...

Seu Verbo sem rival é o trovão de Janeiro
Abalando o alto monte, o amplo valle profundo !
Tão grande ! e tão pequeno é o restante do mundo;
Tudo o mais ao seu lado é pequeno e é rasteiro !

Seu craneo, horrendo assim — não da idade e dos annos,
É para, após a morte, assombrar os tiranos:
Não será cinza, um dia e pó pelos caminhos. . .

Sem forças por louvar-lhe a alta gloria e os romigios
Evóco o grande Ruy, não dos altos prodigios
Mas o deus familiar que ama a Esposa e os netinhos . . .

CONDEMNADOS

Sejamos bons que o Mal não nos vence e se frustra
A tentativa de prender-nos como a liana
E como a naja que é o terror da caravana,
A Dor nos acompanha e onda e selva perlustra.

Seja um sabio ou um heroe que a humanidade illustra,
Teve a forma? ha de ter a contingencia humana:
Embora se transporte a um palacio ou choupana,
— Jesus Christo, Camões, João Huss ou Zarathushtra.

Se homens puros e leaes soffreram cruas guerras,
Que se dirá, então, dessa caterva e o bando
De villões, que a povoar anda a cidade e as serras?!

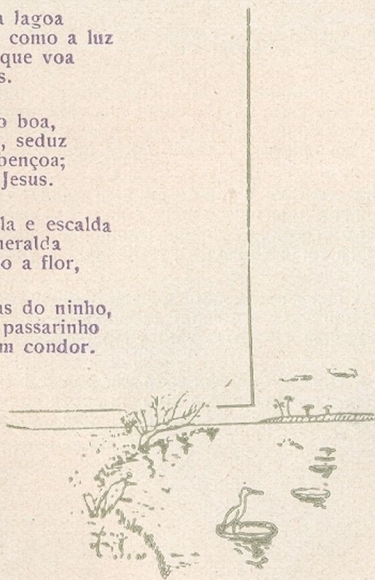
A maldade nos leva ás desgraças supremas!
– Somos a multidão dos Cyclopes, forjando
Com o Vicio e a imperfeição nossas proprias algemas!

ESCOLA

Uma escola é uma lagoa
De agua a brilhar como a luz
Onde bebe a ave que voa
Pelas alturas azues.

Agua tão pura, tão boa,
Que fascina, attrai, seduz
E nos redime e abençoa;
E' a de que falla Jesus.

Quando o sol fuzila e escalda
A campina de esmeralda
E murcha no galho a flor,

Deixando as painas do ninho,
Desce . . . bebe o passarinho
E se transforma em condor.

AMOREIRAS

Cultivarei meu renque de amoreiras,
Não pela fructa — seja doce ou azeda —
Mas, pela industria do Japão — a seda,
Dessa China e Japão das cerejeiras.

E havemos de tecer, queiras, não queiras,
Com esses fios – producto da alameda —
Um vestido da côr da labareda
Com que has de ver do Centenario as feiras.

Ha de ser um trabalho á japoneza
E espero realisal-o com prestesa
E has de ajudar-me com essas mãos tão finas . . .

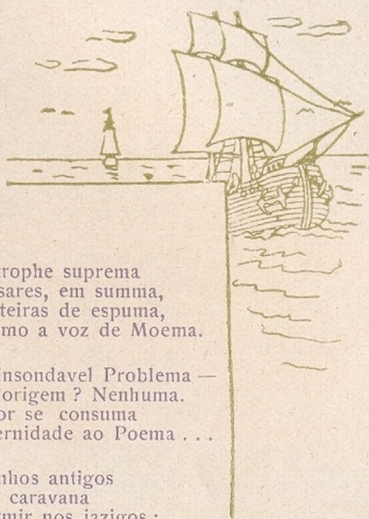
Eu, louco tecelão da phantasia,
Que o teu véo de noivado, noite e dia,
Teci, vibrando as doces cavatinas ! . . .

O COQUEIRO

Junto á minha morada, á vizinhança minha,
Ha uma casa, talvez, com umas vinte mangueiras
E este conto que vem por causa das fructeiras
E' um episodio passado entre mim e a vizinha.

Um coqueiro plantado em meu quintal eu tinha
E Zeus, que me conhece amigo das palmeiras,
Fel-o crescer, subir sem trabalho e canceiras . . .
Se eu fosse vinhateiro, assim seria a vinha !

Das mangueiras, porém, os galhos, os mosquitos,
Os morcegos e até das gallinhas os gritos
Supporto e trago mesmo a janella fechada . . .

E a vizinha que tem todo um pomar inteiro
Nem a sombra tolera ao meu pobre coqueiro...
—Que mal faz o coqueiro ?... Oh! vizinha zangada !

SOLENNIA VERBA

—Poeta, para gravar numa estrophe suprema
As saudades que tens, teus pesares, em summa,
Segues de um bergantim as esteiras de espuma,
Clamas . . . Perder-se a voz como a voz de Moema.

De um Deus — o tenebroso e insondavel Problema —
Vais a origem sondar, qual a origem? Nenhuma.
É inutil que o mortal dor a dor se consuma
Para dar vida á estrophe e eternidade ao Poema . . .

E o Poeta retomando os caminhos antigos
Onde passou dos Reis a longa caravana
Exclama, vendo os Reis a dormir nos jazigos:

— Passam os Pharaós, Napoleão, Luiz XI
E sobre o Mahabbarata, a Biblia e o Ramayana
Debalde rola o Tempo os seculos de bronze.

PAGANISMO

Quantas vezes num grito alto, immenso e sincero
Não pedimos um fim a esses dias aziagos
E a alma não se prosterna ante os deuses e oragos
A chorar como Esther em presença de Assuero?!

A estrella que a Bethlém andou guiando os Reis Magos
Sobre o mundo não mais vemos seu reverbero
E assim o facho que ardeu nas mãos tremulas de Hero . . .
Só apparece a traição de olhar vesgo e os Iagos . . .

Ninguem já escuta, mais vaticinios e augurios
E enche a infelicidade o palacio e os tugurios;
Morta é a celebração dos mysterios de Eleusis . . .

Culpa é da humanidade — as multidões ignaras:
Cultivemos de novo o nosso campo e as searas,
Amemos novamente as mulheres e os deuses!

A VISÃO DA PONTE

Soturno e só, na antiga ponte debruçado,
— Ó tarde rubra e côr de fogo e côr de rosa! —
Presenciei com pesar uma scena angustiosa:
Vi tirarem do rio um menino afogado.

Uma mulher — parece a Mater Dolorosa —
Olha o filho no chão, já sem vida, asphyxiado!
E eu meditei: talvez que um medico, chamado,
Fizesse alli resurreição maravilhosa . . .

Mas a mãe delle vive em tal difficuldade . . .
Ha tanta fome e a doença é tanta na cidade,
O lar do pobre, o lar do rico é tudo um inferno.

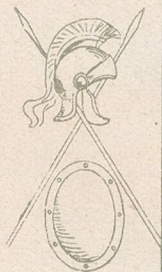
Temos aqui porém o grande, o negro Rio
E a Yara beija os que têm fome e os que têm frio;
Ó dorme, dorme, bom menino, o somno eterno . . .

A RETIRADA DA LAGUNA

Numa guerra, não ha operação que reuna
Em si tanta dextreza e bravura e perigo
Quanto uma retirada a salvo ante o inimigo.
Nós temos a jornada immortal da Laguna!

O nosso coração desse feito se enfuna!
Muitos acharam lá junto ao Apa o jazigo;
Mas D. Solano alli tambem teve o castigo
E o Brasil ainda é a terra indivizivel e una! . . .

Salve, legião de heroes deste patrio horisonte,
A peste, a fome e a sede affrontando abnegada!
O Visconde Taunay foi vosso Xenophonte.

Vossos feitos, no bronze, hoje, os netos destinguem,
Altos, como da Russia a eterna retirada,
Onde Ney foi maior que o proprio Ney de Elchingen! . . .

PANORAMA

Dia e noite a cantar uns profundos soláos
Embala o Rio Negro o somno de Manáos.

Triste extrangeiro exul
Ou aquelle que chegou vindo de outros Estados,
Scismando, olha do caes, de olhos nublados,
Os paquetes da *Lloyd* em demanda do Sul
E os da *Booth* que vão rumo de Liverpool.

Outr'ora era Manáos, pobre cidade, um burgo.
Hoje a industria e o commercio elevam-na ao fastigio.
O oiro negro, o *caoutchouc*, dá-lhe força e prestigio.

Tem vapores de Hamburgo
E se viu bombardeada assim como Strasburgo.

Alli fica o Ismael com as usinas gigantes.
Além Paricatuba. Aqui os armazens
Da companhia ingleza e no rio aos vai-vens
Embarcações fluviaes de outras zonas distantes
Fundeando a vomitar ferros dos escovens . . .

Do alto mar não se vê um veleiro, uma escuna !
No rio qual no oceano o tufão faz estrago;
Entre os velhos pontões a "Traripe" e a "Fortuna".
E aos batelões de pedra o vento a vela enfuna
Na faina de construir uma nova Carthago !

Surge, ás vezes, ufano,
Solenne, revolvendo a agua negra e profunda,
Um colossal rebocador de oceano,
O "Oncle Tom", o "Ernestina" e o "Maria II".

Estas aguas fluviaes viram certa manhã
Incendiado a boiar, no quadro, o "Aripuanã".

Tecendo e destecendo a teia mais extranha
De cabos vê-se andar, qual Penépole, a "Aranha".

Ao lado de um "Hildebrand" as catraias e as guigas
São anopheles ou pequeninas formigas.

O BANDEIRANTE

Sinto ás vezes commigo a ambição das conquista.
Destas mattas sem fim torno-me o Serpa Pinto:
Sigo por este immenso e verde labyrintho
Armado de valor como os mais sertanistas

Sinto as audacias dos bandeirantes Paulistas ! ...
Viajando em certo rumo ignorado presinto
Que, entre os homens de corpo a urucú todo tinto,
Ha oiro e prata em filões e rubis e amethystas.

Fascina-me o dizer pelo Desconhecido:
São Paulo foi talvez deste áspide mordido,
Deste outro foi talvez victimada Lindoya . . .

Do *Ville de Boulogne* o naufragio me espanta
E apesar da Saudade azul que me ataganta,
Quem sabe, a Amarração verei mais e a Tutoya ? ! . . .

AO CHILE

Entre o oceano Pacifico e a altaneira
Ossatura dos Andes ennevoados
Se estende o Chile, a terra hospitaleira
Das *niñas*, das mantilhas, dos bailados.

Num symbolo de paz alviçareira,
Tregoas pedindo aos crimes e aos peccados,
Abre os braços de luz na cordilheira
O Christo, os olhos para o céo voltados.

Uruguay, Equador, Perú, Bolivia,
Berços de Ruy Barbosa e Luiz Drago,
Todos gosem da paz formosa e nivea . . .

Chile ! da guerra atroz te poupe o estrago,
Sonho de O'Higgins, gloria de Valdivia,
— O illustre fundador de Santiago ! . . .

RIO BRANCO

Filho e Pae, qual dos dois é o mais vivo luzeiro?
— Foram ambos eguaes, foram ambos gigantes.
Em que fontes, caudaes ou seios offegantes
Bebestes o licor do talento altaneiro? . . .

O Pae luctou, salvando homens do captiveiro.
O Filho conquistou, lembrando os bandeirantes,
O Amapá, as Missões, do Acre as terras distantes
E o pendão levantou do Brasil no extrangeiro.

Este, agora, desceu de Átropos á morada. . .
Tal como aos aquilões, simouns e minuanos
A nossa alma ficou de Saudade abalada.

Da Lagoa Mirim aos desertos lacustres
Do Norte, outro virá, mas daqui a cem annos:
Plutarcho o incluiria em seus *Homens Illustres*.

INTIMO

Em palestra, nós dois, eu, na sala e a consorte:
De repente calei-me, a construir meus castellos,
Fazendo evoluir no ar os meus polichinellos
E uma rima brincar no Trampolim da Morte.

Hora de paz, de tregoa e devaneios bellos . . .
De subito a voz della ouvi, sonora e forte:
— Que me dizes a isto ? . . . (Eu não a ouvira, ó má sorte !).
De Archimedes lembrei-me e o caso de Marcellus :

O mestre se quedou distrahido e concentrado
— Resolvendo talvez intrincado problema —
Quando o matou de um golpe o romano soldado.

Quem sabe? meditava o problema da ellipse. . .
— Eu apenas tentava um pequenino poema,
Que o mysterio não ha sondar do Apocalypse!

A CHACARA

Qual um ninho de alegres beija-flores
Escondido na múrmura floresta,
Eis a vivenda, a chacara modesta
D'essa formosa imperatriz das flores.

Do sol nascente aos timidos fulgores
Ella desce ao jardim candida e lesta
E fremem folhas num rumor de festa,
Trinam nas frondes lyricos cantores.

Muitas vezes, passando estrada em fóra,
Ouço uma voz harmonica, sonora
E, para ouvil-a, estaco e me concentro.

E nessa voz a melodia é tanta
Que os passarinhos, quando a moça, canta,
Vôam cantando pela casa a dentro!

CORAÇÃO

Meu coração é um velho alpendre em cuja
Sombra se escuta pela noite morta
O som de um passo e o gonzo de uma porta
Que a humidade dos tempos enferruja.

Quem vai passando pela estrada torta
Que leva ao alprendre, d'essa estrada fuja!
Lá só se encontra a funebre coruja
E a dor que á prece o caminhante exhorta.

Se um dia, abrindo o casarão sombrio,
Um abrigo buscasses contra o frio
E entrasses, doce creatura langue,

Fugirias tremente, vendo a um lado,
A Crença morta, o Sonho estrangulado
E o cadaver do Amor banhado em sangue!

SOMBRA

O espirito immortal que anda commigo,
Que ainda nao vi e que ninguem vislumbra,
E' uma alma orgulhosa—*lux et umbra*,
Vem do meu berço para o meu jazigo.

A's vezes, esse espirito se obumbra,
Meditando na Morte e no Castigo:
Desce... mergulha como os galeões de Vigo
Na escuridão, na Duvida e penumbra...

Falla, baixinho, ao meu ouvido, o espectro:
«Quem por estradas de astros envereda
Faz da Tristeza seu cajado e sceptro!»

Todo o meu mal é desta sombra oriundo...
—Ó sombra! tu és a mesma que à Espronceda
Fizeste um desgraçado neste mundo!...

CHRISTÃO

Este, se aqui não vem puro como nasceu,
Não merece, Senhor, ser lançado ás gehennas:
Amando os rouxinóes, os lirios e as verbenas,
Nunca, pedra atirou no propheta Eliseu.

Se uma vez, na Justiça alta e eterna descreu,
E' que esta vez sentiu grandes dores e penas
E além disso, o desprezo augusto das Camenas,
Feroz, o torturou como as Ménades a Orpheu.

Se algum dia gemeu queixume amargo e acerbo,
Na inconsciencia do Mal... é da raça de Adão;
Desculpai-lhe, Senhor, vós sois a Sciencia e o Verbo!

Se nem sempre, elle fez a todo o mundo o Bem
E a um ingrato, com rudeza um dia disse: não!
O Mal, posso o affirmar, nunca fez a ninguem!

CONSOLO SUPREMO

Tanto me lastimei da sorte avessa
No meu passado — e era eu feliz ainda —
Que hoje, por infeliz que me pareça
A vida, devo achal-a boa e linda.

Não ha desgraça que se não esqueça
E a todo mal ha sempre um bem que o alinda
E, quando cobre o monte, a nevoa espessa
Esfaz-se ao sol, do loiro sol com a vinda.

Por isso não me abala a desventura..,
Geme-se, ás vezes, que o gemer, somente,
E' o consolo na dor que não tem cura...

Por isso calo a minha magua infinda:
Não me queixo dos males do presente,
Pois o futuro... é mais sombrio ainda!

SAUDADES E LEMBRANÇAS

Vivo assim de Saudades e Lembranças...
Basta-me um canto, uma canção amiga,
Para levar-me áquella idade antiga
Do Amor, dos Sonhos, Risos e Esperanças.

Arvore sou que um vento mau fustiga
Mas sem aves polychromas nas franças.
Canta! Minh'alma é assim como as creanças:
Chora e adormece ao som de uma cantiga.

E amo nas horas em que a Lua banha
O céo e um barco vem sulcando o rio
A voz de alguem que os remos acompanha.

Canta! Eu tambem vou num batel sombrio
Sulcando a Vida — um rio da Allemanha
Todo rochedos, nebulas e frio...

AMAZONAS

Tal Agassiz, no barco—o *Icamiaba*
Vim tambem visitar o Rio Oceano
Que Orellana desceu primeiro e ufano
E que acolheu na morte a Ajuricaba ...

Tenho aqui meus amores, minha taba ...
Amo este pôr de sol, como o indiano
E amo o japim e o grito do tucano
Quando é tempo dos cachos da bacaba ...

Tomba das altas arvores a arara
Quando á zarabatana a fina setta
O indio, em caçada, para o azul dispara...

Choram de dor, na voz destas cachoeiras,
O grande Eucyldes, dos «Sertões» e o Poeta
Que cantou: «Minha terra tem palmeiras . . . »

COLISEU

O céo, listrado assim pelas nuvens distantes
E' uma planicie onde ha zebra e rhinoceronte.
Passa, escarvando o chão—lembrando um poema a Leconte—
Muito longe, em tropel, um bando de elephantes.

Assisto o desfilar, ora, sobre o horisonte,
Dos beduinos em grupo—o albornoz e os turbantes
Muito brancos ao sol—ora, a luctas gigantes
De um centauro, um dragão, mammuth ou mastodonte.

Uma noite travou-se uma batalha extranha:
Era de um lado um touro e outro—um cavallo branco,
Num combate, como ha nos coliseus de Hespanha.

O vencedor sahiu todo ufano da prova:
O cavallo morreu, suspenso pelo flanco
Nos cornos de marfim do touro—a Lua Nova!

AVES DE ARRIBAÇÃO

Poetas, vós imitais os passaros viajores:
Em que sitios nasceis e para onde emigrais?
Lamartine é uma garça, ó que plumas ideaes
Baudelaire — um albatroz que acompanha os vapores.

Aves de arribação, aos bandos aos casaes,
Palmipedes gentis — os aviões sem motores,
Para onde ides assim levais vossos amores,
Meus amores, a mim, não me acompanham mais!

Sobre o lago pousando, entre o arrozal pendoado,
Não vos sai da lembrança e do olhar, da memoria,
Outro sitio que além sabeis mais encantado ...

Poetas, deixando a vida, após luctas e maguas,
Só vos fica, depois desse sonho de gloria,
Um verso como a pluma esquecida nas aguas ...

ANATHEMA

Pois que o Mal te fascina e os céos insultas
E não vês nas estrellas fulgurantes
Mais que tochas perdidas, que diamantes
Atirados da terra em catapultas;

Pregarás entre as gentes mais incultas
O teu Verbo de purpuras flammantes
E em torno a Paz e o Cahos, como era dantes,
E o silencio das cousas já sepultas.

Fallarás a linguagem dos videntes
E ninguem nunca ha de prestar ouvido
A essas tristes parabolas gementes.

Baterás aos palacios de cem portas
Dos corações e encontrarás, vencido,
Os corações como cidades mortas.

A
CASA
VASIA

Á sagrada memoria de minha esposa Maria
Balbi Carreira da Silva.

CASA VASIA

Abro o portão de ferro e acho a casa vasia.
Ninguem; nenhum rumor, se transponho a soleira . . .
—Quem, d'aqui m'a levou e apagou-me a lareira
E este recanto encheu de tristeza sombria ? . . .

Pobre Morta, de nós todo o encanto e a alegria,
Aos tres filhos velando o somno á cabeceira . . .
—Que será da caçula, a loira, a derradeira,
Se a amar com tanto amor somente Ella o sabia ? !

Dizem que todos vêm oito vezes a fio
Após o passamento ainda aos sitios amados:
Não voltou, porém, ainda a este sitio sombrio !

E este mez de Setembro, o mez do Centenario,
De festas, de emoções e clarins de soldados
E' o doloroso mez em que subo ao Calvario ! . . .

VISÃO

Não podendo esquecel-a um só minuto,
Tanto ao Senhor pedi me consolasse,
Que uma noite me vi da Morta em face
E me puz a chorar, irresoluto . . .

Choro e me ajoelho, quando a voz lhe escuto,
Como ajoelhára outr'ora neste enlace;
E ella a sorrir pediu que não chorasse,
Não mais chorasse e que despisse o lucto !

Bem sei que veio apenas visitar-me,
Leve beijo subtil dos tres filhinhos
Pousando á fronte sem causar alarme . . .

O' mysterio da Morte invulneravel !
Seja louvado o Deus que fez os ninhos,
Mas . . . por que deixa a um pae inconsolavel ? ! . . .

CURIOSIDADE

Um feminino espirito abelhudo
Viu que a Morte em meu tecto bateu a aza,
Quer saber se não vou deixar a casa
E... se não vou fazer leilão de tudo.

—Dizei a essa curiosa que me mudo:
Deseja o predio? é não perder a vasa...
(Esta moça—quem sabe?—ama e se casa
Ou anda a fazer da vida alheia o estudo).

Mas os moveis, os nossos toucadores,
Os espelhos, os vasos japonezes
Onde andaram seus olhos sonhadores?

O leito onde os meus filhos foram nados?...
—Fomos felizes com elles tantas vezes
Que os guardamos, sendo hoje desgraçados!

O RELOGIO

Não ficou satisfeito em ser mudado!
Companheiro dos tempos jubilosos,
Se marcára os minutos dos meus gosos,
Marca as horas de dor do Condemnado.

Tenho-o á parede, a prumo, e equilibrado;
Lubrifico-lhe os eixos silenciosos
Mas os ponteiros giram vagarosos
Ou venho achar o pendulo parado!

A' noite o seu bordão, cavo, rebôa
Na amplidão da varanda socegada
Como o toque de um sino entre a garôa...

Meu relogio commigo é solidario:
Apiedou-se desta alma amargurada,
Anda como eu, desconsolado e vario...

HISTORIA DA AVÓSINHA

Conta-me tu, divina Scheherazade,
Por alegrar-me a noite merencorea,
Uma lenda qualquer ou antiga historia
Para creanças, na primeira idade.

A te ouvir é a minuscula Trindade
Que representa o meu futuro e a gloria.
Não nos contes nem tragas á memoria
Nunca, a Bella Dormente, por piedade...

Eu nasci num sertão formoso e agreste,
Vendo os cavallos em caracoleios
E os «cow-boys» e aventuras do Far West...

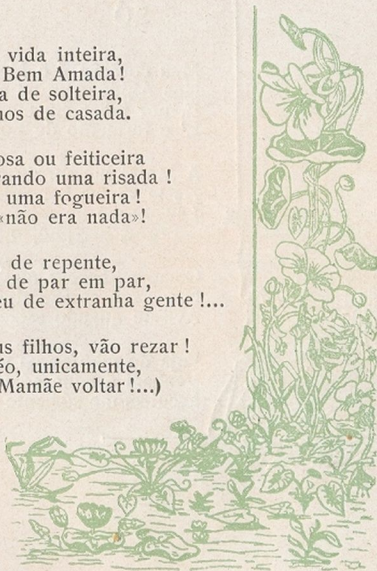
Mas tenho a alma sensivel Scheherazade!
E te escutamos trespassados, cheios
Das Mil e Uma... Tristezas e a Saudade!

MARIA

Repartira commigo a vida inteira,
Igualmente, Maria, a Bem Amada!
Se quinze annos tivera de solteira,
Fazia hoje quinze annos de casada.

Mas, uma alma invejosa ou feiticeira
Viu-nos... parou, vibrando uma risada!
E appareceu a febre: uma fogueira!
Consultei o doutor: «não era nada»!

Logo depois, um dia, de repente,
Abriram-me o portão de par em par,
Toda a casa se encheu de extranha gente!...

(São nove horas, meus filhos, vão rezar!
Elle... o Papae do Céo, unicamente,
Elle, só Deus fará a Mamãe voltar!...)

EM FERIAS

Desde Agosto, ninguem mais ao collegio
Compareceu, ninguem mais estudou :
Ou eu ou a avósinha ou então o avô,
Um de nós tem de ser o Mestre Regio...

Venha cá, pinturinha de Corregio,
Quem fez isto á boneca e a este «pierrot»?
Quem da Revista a pagina arrancou ?
—A Sulá ... tem todo esse privilegio !

Agora, não, que o tempo está chuvoso,
Fins de Novembro já; mas em Janeiro,
Todos tres num collegio rigoroso !

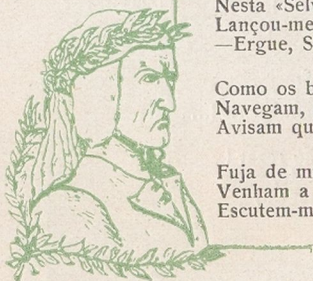
Vamos, o livro, o seu caderno e a lousa...
E a Sulá, num sorriso zombeteiro :
— «Oh! ... o papae quer hoje tanta cousa...

SÓ

Meu coração é o Monte São Bernardo,
Nos Alpes, com os seus monges e o convento ;
E, por fallar em monges ... meu tormento
E' o tormento de Eurico e de Abelardo.

A Morte me surgiu como o leopardo
Nesta «Selva Selvagia» e, num momento,
Lançou-me no mais negro isolamento ...
—Ergue, Sisypho, o teu grandioso fardo !

Como os barcos que os mares agitados
Navegam, se são dois os propulsores,
Avisam quando estão mesmo parados :

Fuja de mim quem ama ou tenha amores !
Venham a mim, sómente, os desgraçados,
Escutem-me sómente os soffredores !...

O PIANO ERARD

Bateu á noite o Erard leves pancadas,
Como nunca bateu, cousa exquisita,
E tres notas ouviram-se isoladas:
Sol, lá, mi ... quasi o nome Sulamita.

Lembrei-me então das funebres balladas
E essa — a do «Rei dos Alamos», maldicta,
Eu que sigo a galope nas estradas,
Tendo ao collo uma filha pequenita.

Mas o Erard, manhã cêdo, eil-o fechado!
São roedores ... pensei atribulado;
Mas não vejo uma taboa combalida ...

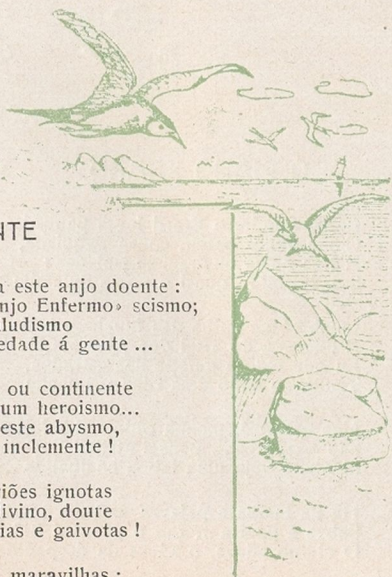
Ha na tampa a palavra «adeus» escripta
Sobre a poeira ... Era o adeus á Sulamita,
O eterno adeus, o adeus da despedida! ...

SINHÁ DONA

Já depois de alguns dias de mudança,
Entregue a «Casa» á turma de pintores,
Não sei como me achei, qual uma creança,
A chorar, a chorar nos corredores ...

Era o mineiro triste da Lembrança,
Era o Ronsard do «Livro dos Amores»!
Fui para sempre expulso da Esperança
Com esta bagagem de saudade e dores! ...

«—Vosmecê é o marido da sea'dona»?
Diz-me um roceiro, a porta aberta entrando,
Trago a encommenda dos limões, agora ...».

Quasi a razão meu cerebro abandona
Para dizer-lhe: sim! e desde quando
Este marido da «sea'dona» chora ...

CONVALESCENTE

Não sei mais que fazer a este anjo doente:
De Affonso Celso no «Anjo Enfermo» scismo;
Da rajada feroz do impaludismo
Hoje se ergueu e faz piedade á gente...

Mudar-me-ei desta plaga ou continente
Fazendo um sacrificio e um heroismo...
Vamos fugir ás fauces deste abysmo,
Ao anopheles barbaro e inclemente!

Vamos fugir para as regiões ignotas
Onde o sol da manhã, divino, doure
O alto monte e haja praias e gaivotas!

A's terras de que fallam maravilhas:
Essas praias alvissimas de Soure,
Barbados, no mar verde das Antilhas!

SERÕES NOCTURNOS

Por illudir a mim nesta tristeza
Destes dias soturnos e angustiados
Diminui no tamanho a nossa mesa,
Quasi ficamos acotovelados...

A refeição: falta ainda com certeza
Alguem... e olhamos todos para os lados;
Faltam aqui seus olhos de belleza
—Hoje nos céos—profundamente amados.

Sobra sempre um lugar á cabeceira:
Lá ninguem quer sentar-se a vez primeira
—Todos nós que vivemos consternados...

E á noite a vovósinha diz novellas
Ou trabalhamos todos nas capellas
E corôas do Dia de Finados!

A MINHA MESTRA

A minha mestra a minha magua hoje mitiga:
De uma cidade de provincia ainda atrazada
Fez-me uma carta a mais gentil e delicada,
Por ter perdido a minha esposa e minha amiga...

O meu collegio era um collegio de meninas...
Havia algumas tão gentis, jogando prendas
E ainda commigo repartiam as merendas;
Havia algumas tão formosas e divinas...

O Francisquinho era maior e era levado:
Deu-me no rosto e foi a causa um passarinho;
Tanta injustiça achada sempre em meu caminho...
O Francisquinho já morreu... está perdoado!

Se havia um roubo, era um Sherloch, iam chamar-me:
Falta uma agulha de «crochet!» e eu a buscava;
Mas... nas carteiras das bonitas não a achava
E se uma feia era a «ladrona»... era um alarme!

Se a professora adoecia, era eu contente...
Ella dissera: «a lenha verde não accende,
Todo menino... sem pancada não aprende!»
(Que me perdôe... porque menino não é gente!)

Havia o Henrique, um typo fino, um typo nobre,
Um rapazinho sempre limpo e bem trajado;
Tratava a todos sempre muito delicado,
Tinha-lhe inveja: elle era rico e eu era pobre.

Havia ainda uma menina intelligente
Que me venceu num certo dia á taboada;
Não digo o nome que ella irá ficar zangada
Ou vou zangar-lhe algum irmão ou algum parente.

A' palmatoria eu dei-lhe a mão quasi contente:
Ella porém não teve força e nem coragem...
Ainda procuro na memoria aquella imagem,
O seu perfil... Seria amor? eu era innocente.

Havia ainda no quintal grande umbuzeiro:
Eu nunca mais vi desses fructos saborosos;
Por causa delles... os castigos dolorosos,
Por causa delles... o castigo o dia inteiro...

A minha mestra, coitadinha, pobre e doente,
De uma cidade de provincia ainda atrazada
Fez-me uma carta a mais gentil e delicada...
A minha mestra... a minha esposa... aquella gente!

A' SENHORA DA CONCEIÇÃO

Quando eu nasci, me deram por madrinha
A Senhora que ahi vem, da Conceição,
Tão garbosa em seu manto de Rainha,
Tão gentil com os seus olhos de Perdão!

Ou foi castigo ou era a sorte minha,
(Que eu ha muito não ia á procissão
Nem á missa assistia e á ladainha)
Minha esposa perdi, do coração . . .

O' doloroso, ó lastimoso dia!
E ao saberem de mim,como queria,
Quaes as vestes e a côr do seu caixão:

—«Quero o caixão—côr da saudade minha!»
Mas nas vestes ... lembrei-me as da madrinha,
—Essa que ahi vem no andor da procissão ...

FILHOS

Hoje, por ser domingo, eu de casa não saio,
Dando tregua ao labor, ás luctas, á canceira:
Fallo ao Alberto, o meu, não o Alberto Oliveira,
Prohibo-lhe o «foot-ball», a rua, o «papagaio».

—«E' nesta rua aqui, só na Treze de Maio»
Diz-me a Jandyra—«Não! que é medonha a soalheira».
(E os aviões de papel, uns com a nossa bandeira,
Cruzam no ar, uns de «banda», uns de «centro» e uns de «raio»...

Ouço em cochicho os tres e vem a pequenita.
E' a caçula, é a que manda, é a que impera, é a realeza:
—«Ora deixe, papae, me diz a Sulamita;

Fosse a mamãe deixava!»—O' Força, ó Tempestade!
O'... essa razão final, que mata de Tristeza,
O' o argumento cruel que mata de Saudade!...

O PRESENTE DE NATAL

Ao Natal, como as creanças e os felizes,
Tambem tive um desejo extraordinario:
A um canto da lareira, solitario,
Puz os meus com os sapatos dos petizes...

E sonhei que era um Creso, um milhardario,
Como os ha por ahi, noutros paizes
E o coração já morto nas raizes
Brotou a um novo amor tumultuario...

Mas o Papá Noel, meigo e sisudo,
Dando consolo ao moribundo e ao triste,
Fôra de casa em casa na cidade...

—Meigo Papá Noel, leva isso tudo...
Se a que morreu não vem, já não existe,
Não me podes trazer felicidade...

MORTE DO MIKADO

O grande chefe Nógi, o audaz soldado
Japonez, tantas vezes vencedor,
Que tomou Porto-Arthur, viu todo o horror
De cem batalhas em que havia entrado,

Quando soube da morte do Mikado,
Do traspasse do grande Imperador,
Deixa a nobreza e a vida de esplendor
E por si mesmo morre trucidado...

Que grande tolo, o Marechal! exclamo.
Matar-se por perder o imperador,
Succumbir por haver perdido o amo?!

—Poeta! quizeste, porém, Deus não quiz,
No dia em que perdeste o teu amor,
Como Nógi... seguir a Imperatriz!

O PAPAGAIO LOIRO

O papagaio loiro, ó tarde aquella,
(Loiro não era: verde ou de saphira)
O papagaio loiro lhe fugira,
Ella o chamava e elle a chamar por ella...

Mando o nosso empregado, com cautela,
Sobre o telhado e o papagaio tira:
Oh! que prazer ella sentiu, delira,
Ao ver de novo o loiro na janella...

O papagaio loiro, dôr sem nome,
Foi á alcova e enredou da cosinheira,
Que a cosinheira o maltratou de fome...

O papagaio loiro, tagarela,
Hoje sou eu: levo esta vida inteira
Ainda a chamar e ainda a gritar por ella...

AS TRES MARIAS

Não sabendo mais onde procurar-te
Levo estas horas e horas esquecidas
Interrogando mundos e outras vidas,
— Novo Marconi interpellando Marte!

Ergo as antenas do meu sonho de Arte
Para o azul, ás regiões indefinidas;
Mas as ondas são sempre interrompidas
Ou a tristeza responde em toda parte...

Noto um signal de festas e alegrias
Que das nuvens baixou, do céo profundo.
Vem da constellação das Tres Marias.

Vem avisar aos corações que choram
Que as Marias ausentes deste mundo,
Nos céos, lá junto ás tres Marias, moram...

FUGITIVA

Ella mandou dizer a mim que vinha,
Fez-me ficar um longo tempo á espera
E afinal, só uma amiga sua e minha
Veio e não quiz me confessar quem era...

Tantas aves no céo, tanta andorinha,
—Mensageiras de Deus, da Primavera:
Não custava dizer numa cartinha
O que morrendo nem dizer pudera!

Quem sabe, se essa amiga e mensageira
Não seria ella mesma – a prisioneira
Dos céos, que me deixou triste e sosinho?!

Vem, como a princeza da ballada!
Se tens medo da noite e estás cançada,
Eu sigo... espera... ensina-me o caminho!

MEUS TRES FILHOS

Os versos que não fiz nestes quinze annos,
—Versos alegres, versos de queixumes —
Deram tres tomos, deram tres volumes,
Deram tres lindos camafeus romanos.

Resguardada aos olhares dos profanos,
Sob a aureola de luz destes meus ciumes,
Minha ella foi, como aprouvera aos numes,
Como aprouvera aos deuses soberanos...

Dou-me por pago dos bons tempos idos,
Desses nossos amores musulmanos,
Desses nossos amores doloridos...

Olhai a estrophe mais formosa escripta
Das estrophes escriptas nos quinze annos:
—O Gesto, o Passo, a Voz da Sulamita ..

NOITES CHUVOSAS

Nestas noites tão frias de Janeiro,
Quando bramem os ventos ululantes,
Ella vem, tão formosa como dantes,
Me compor os lenções e o travesseiro...

Se está suspenso, abaixa o mosquiteiro:
— Receia que os mosquitos petulantes
Me façam mal — e as roupas roçagantes
Eu lhe tóco e lhe sinto o aroma e o cheiro...

Afasta do meu sonho os pesadelos;
Do meu caminho afasta os empecilhos;
Sinto os seus dedos sobre os meus cabellos...

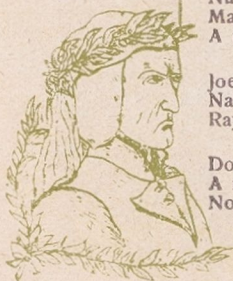
Beija-me os labios, fraternal e pura:
Meus labios que só beijam nossos filhos
E a cruz branca d'aquella sepultura...

ODYSSÉA

De cinco irmãos que fomos neste mundo,
(Refiro-me aos do sexo masculino)
João, Joel, Nahum, Jonas, Raymundo,
Vivo eu só, perseguido do Destino.

Eu fui sempre o mais fraco e o mais mofino!
Nunca affrontei Conrado ou Sigismundo,
Mas... jurei, como o poeta Florentino,
A uma Beatriz o eterno Amor profundo...

Joel — levou-o á tumba a diphteria;
Nahum — morreu de tetano, coitado!
Raymundo — com dois annos de agonia!

Dous delles succumbiram pequeninos;
A mim... não sei o que anda reservado
No Grande Livro Negro dos destinos...

MILAGRE

A companhia Tramways, nos jornaes,
Annuncia, em Novembro, ás creaturas
Ligações para luz nas sepulturas,
Lampadas fortes como o sol ou mais...

Sigo ainda os costumes ancestraes:
Amo as velas de cêra, sim, tão puras,
Que no baptismo servem, nas venturas,
E na morte têm prantos lacrimaes!...

—«Quero de luz electrica um cruzeiro!»
—«Minha filha, é talvez tanto dinheiro...»
—«Ora, eu tenho... eil-o aqui, tinha-o guardado!»

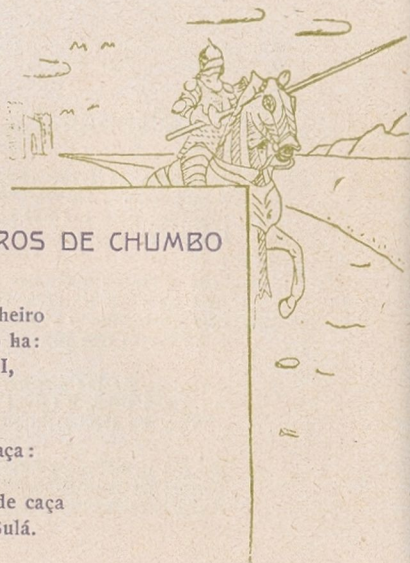
No dia 2, no campo funerario,
Flores, flores e tudo illuminado
E o Cruzeiro, lembrando o do Calvario!...

A LAVADEIRA DA PÓVOA

Lavadeira da Póvoa, em tom maguado,
Canta as lendas do amor do mar sem fim:
A cantiga do mar, que, ainda é casado
E ella aprendeu na Póvoa de Varzim.

Não agoires o mar, pobre, coitado,
Tem piedade do mar, feliz, assim!
Póde a elle invejar o adverso fado
E fazer-lhe o qne fez um dia a mim...

Deram-lhe o Sol e a Lua,— seus padrinhos,
O vestido da noiva,— côr da Aurora;
Do consorcio é que vêm tantos peixinhos...

Eu tambem fui feliz, hoje ando austero!
Tive mulher e já não tenho agora;
Já não tenho seus beijos quando quero...

CANÇÃO DOS GRANADEIROS DE CHUMBO

Soldado de chumbo não ganha dinheiro
Mas tropa tão firme no mundo não ha:
Com os belgas servimos a Alberto I,
Servimos agora á rainha... Sulá

E tanto serviço sem soldo e de graça:
Melhor cada um neste caso fará
Ser cano de chumbo, ser chumbo de caça
Que ás ordens servir da rainha... Sulá.

E todos buscamos andar com prestesa:
Barulho não façam, ó ratos, olá!
Não mexam no forro, que a guarda vai presa,
Se acordam de noite a rainha... Sulá.

Foi um surprehendido beijando uma moça:
Morreu fuzilado; ninguem saberá:
Beijara na face a boneca de louça,
A dama de honor da rainha... Sulá.

Ainda hoje um policia encontrei de relance
Não fez continencia, não fez nem fará...
Soldado, respeita-me a calça garance
E a farda e os galões da rainha... Sulá.

Na guerra, na lucta ninguem se acovarda,
Ninguem no perigo jamais correrá.
Alerta! de pé, formai toda a guarda;
A's armas! que passa a rainha... Sulá.

CANÇÃO

Fosse esta penna um alaude
E eu fosse um novo Cimarosa,
Em vez da prece, uma saudosa
Canção entoara-lhe á virtude...

Fosse esta penna um alaude,
— De Orpheu a lyra suspirosa —
Louvara A'quella ou anjo ou rosa
Que me deixou na solitude...

Fosse esta penna um alaude
E fosse esta alma ainda ditosa,
Alma que a vida e o mundo gosa,
Cantara a vida e a juventude...

Fosse esta penna um alaude,
A lyra azul, maravilhosa,
Chorara a Mater Dolorosa,
Morta, deitada no ataude...

LA PRINCESSE LOINTAINE

Revolvendo o passado, as peregrinas
Reliquias santas desse antigo amor
Um perfume exquisito, um suave olor
Vem dessas cousas magas e divinas...

Voa, desejo meu, nestas campinas,
— Cão de raça viadeira ou do Pastor:
E' difficil saber que essencia ou flor
Perfuma essas lembranças femininas...

Só agora é que eu comprehendo, nas estradas,
Esse pio das aves descasadas
Pela assassina mão do caçador...

E o lamento do gado, o dia inteiro,
Sobre o sangue espalhado no potreiro
Pela impiedosa mão do matador!...

A TENTAÇÃO DE S. ANTONIO

Levo scismando aqui, de uma janella,
Nesta vida de asceta, a vida minha,
E aqui perto ha um pombal e ha uma visinha
Que os pombos mata e os deita na panella ...

A' minha vista, as aves em querella
Andam aos pares ... sempre aos pares. Tinha
Aquelle a companheira amarellinha ?
—Anda com outra do peito de cannela ...

Procuro a Biblia : o livro santo disse
No capitulo "Reis", que ao rei, já velho,
Uma moça o amparasse na velhice ...

E assim, por isso, os bons christãos o imitam :
Vão seguindo a palavra do Evangelho ...
Mas, são tantos os pombos ... resuscitam ?...

OS GATOS

O mal da raiva, o mal da hydrophobia,
Andava se espalhando na cidade
E em nossa casa, tanto gato havia,
Determinei matal-os sem piedade ...

Em vão aquella que ainda então vivia
Pediu-me não fizesse esta crueldade :
Assustei-a com os tiros nesse dia;
Fiz cinco mortes ... Que calamidade ! ...

Tive pena de alguns desses bichanos ...
Mas para completar os sete gatos
Faltaram dous : zarparam, mal me viram ...

E estes meus contratempos sobrehumanos,
Meus desastres na vida e estes maus tratos,
Tudo, não vem ... dos gatos que fugiram ? ...

AS DUAS SAUDADES

Eu perguntei á loira Sulamita
Se sempre e sempre as orações rezava:
Respondeu-me, agitando a cabecita,
Confirmando. Após vi que soluçava...

Arrependi-me de tornal-a affitcta:
Beijo-lhe a undosa cabelleira fluva,
Os caracóes que a tornam tão bonita,
Aquelles cachos que a mamãe cuidava.

Fallo então noutro assumpto, no cinema:
Levo a conversa para a outra extrema
E os olhos della rutilos brilhavam...

—«Você viu o Carlito, aquelle dia?...»
E, emquanto alegre a Sulamita ria,
Agora... eram meus olhos que choravam...

NO CAMPO SANTO

Ao Campo Santo, a pé, gosto de ir até lá:
— E' pequena a distancia, é um voar de mariposa —
Ver a mãesinha, a irmã, a nossa amiga, a esposa,
Eu, o Alberto, a Zahira, a Didi e a Sulá...

Segue o cãosinho á frente a latir... Oxalá
Que esse pobre animal que lhe conhece a lousa
E em vida a despertou,— no leito em que repousa
A pudesse accordar!... Mas, não a accordará!

Chegamos afinal: o cão chegou primeiro!
Não têm se descuidado esse inverno e o coveiro
De irrigar meu jardim... Que lindo é o resedá!

E ficamos alli, nessa tarde dorida,
Num silencio mortal mas que á Morta querida
Quer dizer que ninguem jamais a esquecerá!...

O SERTANEJO

Eu sou do Norte, onde o sol queima e inflamma
O campo e secca a fonte — o bebedoiro...
Fui ao Rio estudar: «Olha o caloiro!
Olha o caloiro!» a Escola em peso exclama...

Por ser do Norte. eu não dormia em cama:
Abro uma mala — o meu bahú de coiro,
Tiro uma rêde,— isto não é desdoiro —
Armo essa rêde da mais fina trama ...

Volto depois, que o Norte ao Sul não ama
E encontro o amor da mais formosa dama:
Eu era um rei, ella — rainha e escrava ...

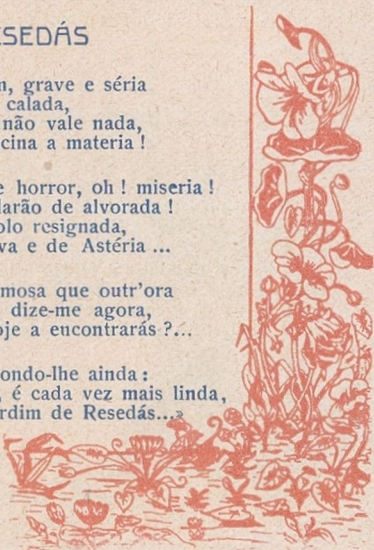
Foi-se este amor — um sol ardente e loiro:
Com os meus versos de amor eu a embalava
E era embalado nos seus braços de oiro!...

O JARDIM DOS RESEDÁS

Ella, uma vez, ficou contra mim, grave e séria
E até á noite ficou pensativa e calada,
Por lhe dizer assim: a alma... não vale nada,
Só me encanta no mundo e fascina a materia!

Oh! blasphemia cruel, oh! que horror, oh! miseria!
Oh! o cerebro sem luz, sem clarão de alvorada!
Vi-lhe a fronte inclinar-se ao solo resignada,
Essa fronte que amei de Minerva e de Astéria ...

E hoje que me surgiu mais formosa que outr'ora
Indagou com fervor: «e então, dize-me agora,
A materia que amaste, onde hoje a encontrarás?...

E eu teimoso e gentil, eu respondo-lhe ainda:
«Não, não morreu, não morre, é cada vez mais linda,
Oh! o teu sepulcro... o meu jardim de Resedás...»

INFORTUNIO

Meu coração após os golpes grandes
Do infortunio não sabe o Mal e o Bem...
A minha lenda é essa de Pedro Cem
Ou o Robinson da ilha João Fernandes.

Os desertos glaciaes, os *no man's lands*
Sem fim, Saharas e Terras de Ninguem,
Tudo nesta minh'alma se contem
E até o abutre do Caucaso e dos Andes!

A dor sepulta, coração captivo!
Como o fakir das Indias, do Indostão
Repete a scena do Enterrado Vivo!

Não te lamentes, que o lamento é em vão...
A magua á propria magua é um lenitivo;
Curva-te a Deus, mas ante os homens, não!...

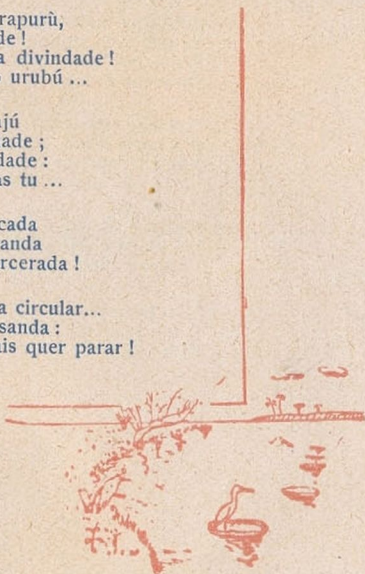
UYRAPURÚ

> «*Como os animaes de pello, as aves têm tambem um deus que as protege—o* Uyrapurú—*passaro que anda cercado de muitos outros.*
>
> *Este passaro fornece muitas lendas á poesia popular da Amazonia. O seu nome significa—passaro que já foi, que não é mais—talvez por se ter encarnado nalgum espirito superior...*»
>
> HENRIQUE SILVA
>
> «Caças e Caçadas no Brasil Central»

E' um passaro lendario o uyrapurú,
A ave do amor e da felicidade!
Tem qualquer cousa em si da divindade!
—A antithese do mocho e do urubú...

No meu guarda-casaca de acajú
Tive um passaro desta qualidade;
Era eu feliz, possuia a alacridade:
Meu talisman que me troxeras tu...

Dentro do papo da ave dissecada
Uma libra esterlina—a veneranda
Rainha Victoria—pobre encarcerada!

Um dia, a moeda eu deito-a a circular...
E minha vida desde então desanda:
Vai como a libra... e não mais quer parar!

MARTYR

Regressando uma tarde do trabalho,
Vejo a filha, Senhor, que vós me destes,
— Meu amparo, meu manto de agasalho —
Chorar, queimada : ateara fogo ás vestes...

—«Como foi isso ? » com a Jandyra ralho.
—«O alcool explodiu... mas o abafaram prestes».
Senhora da Afflicção, de vós me valho,
Vós, que uma dor igual, assim, tivestes...

A Sulá... meu encanto e meu thesoiro ? !...
O pesar que senti, grande e profundo
Vendo-a chorar sem as madeixas de oiro...

Cortam-me o peito os seus doridos ais...
— Oh ! tristes dos que vão por este mundo
Uns — sem ter mães, outros — sem mães nem paes !...

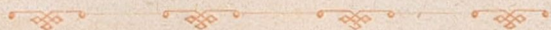
EM PROCURA DA FELICIDADE

Estando á noite, desassocegado,
Vi que uma sombra junto a mim surgia;
Era a morta : «Acabou-se-me a agonia,
Disse-me e subo ao mundo constellado !

Mas não posso deixar-te abandonado
E a meus filhos — a todos que eu queria;
Não te esqueças de mim, quando algum dia
Fores por outra novamente amado !

Não succumbas á magua, meu amigo !
E's moço e um seio já não te offereço,
Já não é mais meu seio um doce abrigo !

Não te quero no rol dos solitarios ! ...»
E um presente me deu que não tem preço :
Esta penna de cysne e o Stradivarius !...

A
DAMA
CONSOLADORA

A DAMA CONSOLADORA

Ella morava alli, no meu caminho,
Em meio do caminho que eu trilhava;
Não sei se Margarida se chamava
Nem se na casa havia o rosmaninho ...

Mas o bonde ao passar devagarinho,
Aquelle olhar a mim me consolava
E o coração sepulto em cinza e lava
Recebia essa esmola com carinho...

Não era o olhar das virgens da Germania
Nem Cupido com as armas de arremeço:
Morena, deste sol da Mauritania!

Tendo ainda um pouco de oiro em meu cadinho,
Resolvi lhe mandar este adereço...
—Ella morava alli, no meu caminho ...

FLORES—Av. J. NABUCO

O nosso bonde é o trem das cinco horas,
O nosso bonde é o trem dos namorados :
Vai direito passar por onde moras,
Sob as janellas e os balcões florados ...

Vai cheio de rapazes descuidados,
—Militares alguns : botas e esporas ;
E ha burguezes, já velhos, apressados
E moços que se alegram com as demoras ...

De manhã, dorme o sol entre as neblinas,
Volto e ainda dormes no teu leito, calma,
Sonhas, talvez, com as doces cavatinas...

E apezar desta magua e estes abrolhos,
Desta noite constante na minha alma,
Quero ver-te... alegria dos meus olhos !...

O TREM DOS NAMORADOS

Junto de mim sentou-se um peralvilho,
Era um desses, talvez, desempregados :
Ia repleto o Trem dos Namorados,
Ia garboso, a se arrastar no trilho...

Chove e as sanefas descem para os lados.
— Do seu olhar não verei hoje o brilho ? —
Mas o moço a sanefa ergue, o empecilho,
E eu protestei : «vamos ficar molhados ? »

—«E' que a «pequena» mora aqui bem perto,
(Vejo que o pobre apaixonado anda)
E ella me espera neste bonde, certo...»

Ouvindo isto fiquei quasi enciumado...
Felizmente moravas da outra banda,
Felizmente moravas do outro lado !...

O JOGO BRETÃO

Domingo, eu lá passei : tudo fechado,
Domingo, eu lá passei com o peito em chamma :
Julguei que havias ido ao «Polytheama»
Mas, me disseram, tinhas ido ao «Prado».

Soube disto e quedei-me contristado,
Que a mim tal jogo nunca a mim me inflamma
E occorreu-me : quem sabe ella não ama
Um desses homens do calção cortado ?

Nos desportos maritimos o «voga»
Eu já conheço, o «proa» e o «sotavoga»;
Do «foot-ball» eu não li nunca o tratados...

Se não mudas, porém, breve de idéa,
Vou para um Club e breve, na Assembléa
Dos Desportos serei dos exaltados !...

BOAS-FESTAS

Por accaso a encontrei na livraria,
Foi antes do Natal ser festejado:
O caixeiro chegou; de embaraçado,
Eu não pude comprar o que queria.

A ella eu mandara uns versos, outro dia
E sempre o criminoso anda assustado:
A irmãsinha de pé, sorrindo, ao lado,
Dava a entender que o caso conhecia...

Pediu papel de carta e as duas, lestas,
Foram-se após a uma ourivesaria:
Vão talvez me comprar as Bôas-Festas.

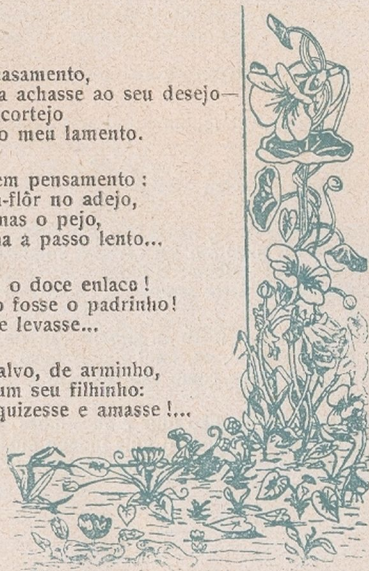
E agora a esta minha'alma tão sensivel
Nesse «papel de carta» ella me envia
Sem ter piedade—o desengano horrivel.

RESIGNAÇÃO

Eu quizera assistir ao casamento,
—Quando um noivo ella achasse ao seu desejo—
Disfarçado no meio do cortejo
E occultando no peito o meu lamento.

Idealisei toda a scena em pensamento:
Ella, tão leve, um beija-flôr no adejo,
Tendo ás faces bellissimas o pejo,
No «landau» e a parelha a passo lento...

E que Deus protegesse o doce enlace!
E que um santo do céo fosse o padrinho!
E nesse dia a morte me levasse...

E depois em seu leito alvo, de arminho,
Eu renascesse e fosse um seu filhinho:
Contanto que ella me quizesse e amasse!...

NO LAGO DO JANAUARY

Sobre o bravo arrozal, onde andam patos pretos,
Luciola, tu que vieste a este mago retiro
Convalescer, queres tu ver como eu atiro?
E um exercicio fazer com os teus braços facetos?

Numa canoa, tendo bons os calafetos,
—Porque não sei nadar,—iremos dar um giro;
O pato que passar no meu campo de tiro
Ha de morrer... hão de morrer os patos pretos!

Porém, has de remar, assim, devagarinho,
Pois que as aves estão alli pelo caminho,
Podem, talvez, nos ver, podem talvez voar...

Não sei nadar: apenas, mal, faço uns sonetos
E até receio não mais ver os patos pretos
Com estes meus olhos já cançados de chorar...

OS CANARIOS

Eu andava em caçada ao porco e á capivara
Com um indio, um caçador agil como as gazelas:
De repente avistei, de pennas amarellas,
Um canario: pousou num tronco de coivara.

Outro canario eu vi, quasi feio, chegara,
Agradando o primeiro em caricias singelas...
«E' a canaria!» diz-me o indio e eu conclui que as «bellas»
Não são bellas—nem sempre, ó natureza rara...

E lembrei-me: se fosse eu aquelle canario,
Tão bonito e taful, eu, taful e orgulhoso
Não andaria assim como cão solitario..

Essa... que a mim não quiz e ás minhas pastorelas?!
Chorei nesse deserto e o guia indaga ancioso:
—O «patrão»... anda assim maltratado por «ellas»?...

ELEGIA SENTIMENTAL

Eu quizera ser aquelle fructeiro
Que bate palmas atroadoras
Alli, naquelle portão
E se vê cercado de creanças,
De creanças palradoras
E senta-se longamente e espera na calçada
Com o seu carrinho de mão ...

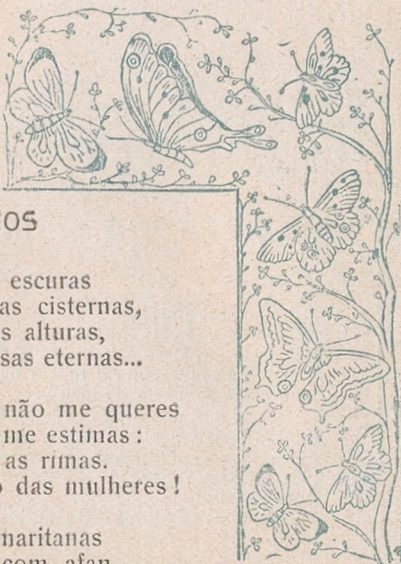
Eu não teria fructas só dos nossos climas,
Só destes climas tropicaes:
Para agradar melhor
Aquella moça,
Aquella moça dos sorrisos immortaes ...

E havia de pedir um preço extraordinario
Para deixar depois por um preço menor,
Somente para ouvir a voz — que nunca ouvi — tão dulçurosa,
Só para ver melhor
A linda moça do vestido côr de rosa...

E havia de ter sempre o meu carrinho cheio
Das uvas e maçãs — as uvas de Alicante
Vindas de tão distante
No frigorifico dos navios transatlanticos ...

E com a vulgar banana, — a Musa Paradisiaca,
As laranjas da Bahia,
As mangas de Itamaracá,
Framboesas, jaboticabas, o pajurá
E outras que por aqui não ha
E que são raras na cidade.

Queria ver o seu olhar de curiosidade,
O seu olhar dolente ...
E o cacho de uva o mais formoso
E a laranja mais doce e mais formosa
Não venderia... era o presente
Que eu faria áquella moça,
A' linda moça do vestido côr de rosa...

Porem... que a moça não soubesse
Que aquelle carrinho de mão era meu;
Não soubesse quem era aquelle fructeiro,
Não soubesse que era eu ...

MEUS OLHOS

São duas covas escuras
Meus olhos, duas cisternas,
Voltadas para as alturas,
Mirando as cousas eternas...

E tens medo e não me queres
E por isso não me estimas:
Ficam perdidas as rimas.
. . . A ingratidão das mulheres!

Outr'ora, as Samaritanas
Iam aos poços com afan,
Assim como as caravanas
De Marrakech e de Oran...

Nestas éras primitivas,
Nestas primitivas phases,
Vinham as lindas captivas
Matar a sêde no oasis . . .

Vinham sobre os dromedarios,
Da Arabia, da Palestina;
Iam a destinos varios
Sobre o areial de platina.

Algumas, de Bagdade
Vinham, de longe, do Sul,
Para os harens da cidade
Constantinopla ou Stambul...

Já tenho um amor mais moço
De que o teu — de tantas maguas:
Queres vel-o? — Mira o poço,
Vê... teu retrato nas aguas!...

O BAZAR DE PORCELLANAS

Eu entrei no bazar das porcellanas finas,
Um brinquedo busquei que agradasse á Sulá:
Tanta boneca ouvi dizer: mamã! papá!
Com o perfil sagittal das bellas colombinas...

Uma dellas — morena, outras — alabastrinas...
— E ha boneca morena assim linda, assim, ha? —
Dei-lhes nomes de amor: Lucy! Mary! Yayá!
E... sorriram as tres com as faces purpurinas....

Todas aqui têm dono, o homem da loja disse
E por me consolar, vendo a minha doidice:
Temos uma, porém, na Alfandega, a chegar...

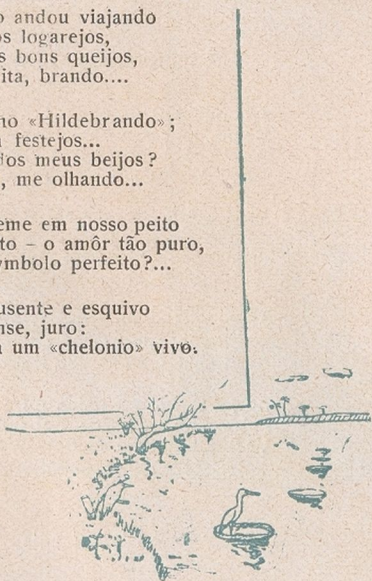
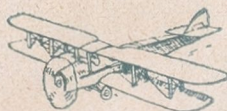
Eu não sei se elle disse a verdade ou a mentira:
Compro um barquinho ao Alberto e um presente á Jandyra
Mas a Sulá chorou e ainda chora a esperar...

A TARTARUGA

A minha esposa, quando andou viajando
Lá pela Suissa,—os lindos logarejos,
Eu d'aqui lhe fallava nos bons queijos,
Ella—no amôr da Sulamita, brando....

Mezes depois, chegava no «Hildebrando»;
Receberam-na todos com festejos...
—Não tiveste saudades dos meus beijos?
Na tartaruga, ella fallou, me olhando...

E o amôr que bate e treme em nosso peito
—Mesmo depois de morto - o amôr tão puro,
Não é do amphibio o symbolo perfeito?...

Se eu tiver um affecto ausente e esquivo
E a amada for amazonense, juro:
Hei de mandar-lhe ainda um «chelonio» vivo.

A UMA INGRATA

Queres partir, deixar-me triste, assim?
Não vás, que o tempo é mau, reina o pampeiro:
Vou com Hinton-Martins, chego primeiro,
Morro... não posso responder por mim!

Dou-te o manto velludo carmezim
Do meu amor, o amor do arrabileiro,
Meu affecto, esse affecto verdadeiro,
Meus cysnes, meus pavões, meu bergantim...

Quando vires no mar verde e agitado
Uma vela, é a jangada intemerata,
E' o meu adeus! meu lenço é nesta vela...

Não partas, que a Saudade anda a meu lado
E eu lhe direi: alcança aquella ingrata,
Chora, Saudade, pelos olhos della!...

Anniversario da morta e do nosso casamento

Vós que sois noivos, vós que sois casados,
Moços, moças, velhinhos e velhinhas,
Desculpai-me tornar-vos contristados
Ao relembrar-vos amarguras minhas.

Amai, amai vossas companheirinhas,
Dai-lhes vossos desvelos e cuidados;
Virtudes—são Defeitos ignorados,
Da Ventura—as Tristezas são visinhas...

Ainda que caiam odios como espadas
Sobre vós, sobre mim, pelas estradas,
Amai com o amor que Jesus Christo tinha...

Eu fui moço, fui noivo e fui casado;
Fui tão feliz e agora... abandonado:
Vêde a extensão da desventura minha!...

O FOX-TROT

Ella ia ao «fox-trot», ia ao trotar da raposa!
Não me lembro o seu club e que festa era aquella:
Caprichos de mulher, de mulher quando é bella,
Censurar e impedir ninguem póde e nem ousa...

Acho bonito, não, para ser minha esposa!
Acho bonito, não, para a moça—a donzella!
Mas num nobre perfil de Duqueza Palmella,
Sendo a mulher alheia, isto é bello, é outra cousa!

O carnaval lembrei com os «marujos» e os gritos,
Com a «Nau Catharineta» e os «cordões» e os apitos,
Na louca sarabanda infernal dos malditos...

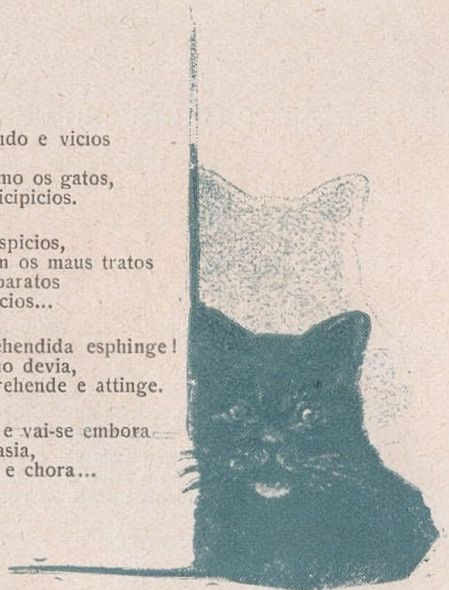
—Poeta, anda commigo, anda, a tomar qualquer cousa».
E acceitei, a pensar na minha mariposa,
A' essa hora, no club, ao trote da raposa!...

FELINO

O amor, o amor, virtudes tendo e vicios
E mil atrevimentos e recatos
Nasce, de olhos fechados, como os gatos,
Anda como elles sobre os pricipicios.

O meu, nascido sob maus auspicios,
Exacerbou-se e augmenta com os maus tratos
E sobrevive aos grandes desbaratos
E se alimenta de altos sacrificios...

O amor, o amor—a incomprehendida esphinge!
Não soube amar, dizeis, como devia,
Quando a desgraça vos surprehende e attinge.

E se alguem morre ou parte e vai-se embora
O amor fica na casa assim vasia,
—Pobre felino, anda na casa e chora...

MISS MANÁOS

Vou mandal-a seguir por meus soldados
A'quella que avistei esta manhã:
Foram pelos seus olhos alvejados
Meus affectos—as torres de Amiens.

Chamo os *Uhlanos* carapaçonados:
Ide buscar aquella castellã!
Os que a acharem serão gratificados,
Os outros—mortos junto á barbacan...

E o regimento inteiro é perfilado.
Minhas ordens esperam impacientes,
Todos, do chefe ao ultimo soldado...

Querem saber o rumo em que ella mora
E a galope, com os elmos reluzentes,
Lançam-se doidos pelo mundo a fóra...

O CORDEIRINHO BRANCO

O cordeirinho branco andou perdido,
Tinha um guizo de prata no pescoço;
Toda a casa ficou num alvoroço
A perguntar: onde teria ido?

Quem sabe, foi roubado ou anda escondido?
Diz chorando, a Sulá, na hora do almoço...
Outros dizem: quem sabe se um molosso
O ferrou e o matou sem um balido?...

O cordeirinho branco — era da Morta!
E perdeu-se na rua, no caminho:
Correu, fugiu, achara aberta a porta.

Delle julguei não mais ver o arcabouço...
Mas voltou são e salvo o cordeirinho:
Tinha um guizo de prata no pescoço...

AUDACIA

Foi o «clou» do «salon» do Automovel de França
Um reclamo feliz, sobre as nuvens, na altura:
CITROEN, constructor desses carros, procura
O seu nome gravar no céo, oh! que lembrança!

Um aviador inglez á empreitada se lança
E um avião, jorrando fumo, uma fumaça escura,
Escreveu *Citroën*, oh! que doida creatura!
E embasbacou Paris,— esse povo - creança...

Eu quizera tambem gravar na immensidade,
Não com o fumo banal mas com os raios de Apollo
O teu nome e o deixar por toda a eternidade.

Eu quizera o fazer, não por louco reclamo:
E cahisse e tombasse e morresse, no solo
E chorasses por mim... formosura a quem amo...

A NOIVA

A condição para eu casar-me é esta,
Ao meu ideal só este corresponde:
Não quero a noiva em *pic-nic* ou festa,
Não mais verá de instante a instante o bonde.

«Ser a filha do rei, neta do conde»
Eu não lhe exijo, pode ser modesta;
Mas ha de ter a bocca, o olhar, a testa
Da formosura que de mim se esconde.

Deverá ter de cór os meus sonetos,
Morena a tez e de cabellos pretos;
Sendo alva e loira... acho-a tambem bonita.

Tem de ser boa, de bondade infinda,
Para acalmar a minha dor e ainda
Embalar, quando chora, a Sulamita...

AQUELLA CASA

(No album de M.lle Maria Elisa Thaumaturgo)

Aquella casa em que passei naquelle dia
Está tão triste: alguem morreu daquella gente?
Linda morada que olha firme para o poente,
Aquella casa nunca esteve assim sombria...

São como o altar os seus degraus, a escadaria!
A mim, parece a pedra ara o seu batente!
E debruçada nos balcões, não mais a ausente!
A habitação, outr'ora alegre, está vasia...

Vel-a quizera, como a via antigamente;
Vel-a quizera... fôra audacia ir visital-a:
Levo a pensar, se vou passando tristemente...

Aquella casa — o meu tormento, o meu castigo!
E que retrato evocador naquella sala!
E que saudades, quando eu passo, meu amigo...

A JANELLA DO MIRANTE

Pretenções eu não tenho a hierophante,
Mais me inclino aos prodigios da alchimia:
Desta minha janella do mirante
Olho o céo... estudando astronomia.

Com um telescopio, um oculo gigante,
As andorinhas vejo, todo o dia,
Sobre a torre da egreja, além, distante
E astros, nos céos, descubro que eu não via...

Nestas noites ou calidas ou frias,
Gosto de contemplar as Tres Marias
E o Cruzeiro do Sul, no alto, brilhante...

Mas... avistar o teu perfil me falta:
Moras tão longe, que é mister, mais alta,
Sre mais alta a janella do mirante!

OLHOS QUE MATAM

A casinha de vivos amarellos,
A casinha que eu amo, veneranda,
Igual a uma que eu tive, — os meus castellos —
Tinha tambem dois «loiros» na varanda.

Como as pastoras da formosa Irlanda,
Que Cesario cantou nos versos bellos,
A que adoro, um chapéo trazia, á banda,
Lembrando os girasóes e os cogumelos ...

Os seus olhos comparo aos dois valetes
De oiro e espadas, — dois principes audazes ;
Ferem retalham como os canivetes ...

Olhos de aguias que pairam nas alturas :
Como os aviões e os destemidos «azes»
Sobre a terra matando as creaturas ...

A LEGENDA DO DESAPPARECIDO

Morreu, além, no mar. Sobre um rochedo
Naufragara. Ninguem soube explicar.
Sahiu logo ao dealbar, de manhã cedo
E até hoje não poude mais voltar ...

Fallam : tinha um recondito segredo
Que ninguem soube e a ninguem quiz confiar ;
No amor soffrera um desengano tredo
E foi pedir por sepultura o mar ...

E o que escrevera uns versos memoraveis
Dorme agora em abysmos insondaveis :
Tão moço ainda — o golpe amargo e rudo !

Porém no cofre aberto a talhadeiras
Viu-se um retrato — a explicação de tudo :
O amor, o amor, a flôr das laranjeiras ...

O ROMANCEIRO DO CID

(HEREDIA)

O APERTO DE MÃOS

Diogo Laynez, ancião de alta extirpe e renome,
De honra e fama e riqueza além de Iñigo Abarca,
Não quer se alimentar, funda magua o consome.

Não pode repousar, pois o sangue lhe marca
A face que Gormaz—o Conde, esbofeteara
E pretende vingar-se, antes que o leve a Parca.

Sente-se velho já e a força o desampara ...
Receia receber de alguns as ironias
E que os amigos seus, vendo-o, virem-lhe a cara.

Sem nada lhes dizer destas maguas sombrias
Chama os filhos,—que um filho é uma rude alavanca—
Sancho, Affonso, Manrique e o mais novo--Ruy Dias.

De tão grande emoção treme-lhe a barba branca
E a honra lhe retesando o braço ankilosado,
Aperta a mão de Sancho e delle um grito arranca:

—Vós me fazeis soffrer! basta! ou eu fico aleijado—
E o mesmo lhe repete o outro, Affonso, o segundo:
—Que vos fiz eu, meu pae, para ser maltratado?—

Depois, falla Manrique:—o golpe tão profundo
Da vossa unha me faz dar gritos como os doudos.—
Nada responde o ancião, triste e meditabundo.

Desesperando achar bravuras e denodos
Nos seus filhos e a sua antiga fortaleza,
Encaminha-se a Ruy—o mais novo de todos.

Aperta-lhe, tacteando, o peito com rudesa
E os hombros e o seu talhe e os seus punhos franzinos,
—Instrumentos tão vis para a grandiosa empresa.

Este aperto é a esperança em mais altos destinos!
Comprime-o com essas mãos que a guerra endurecera,
Mas o filho nem baixa os olhos crystallinos.

Vem-lhe apenas á face a pallidez da cêra,
Sentindo ás mãos um torno ou a dentada de um perro;
Quiz gritar mas a voz no labio emmudecera.

Larga-me! assim lhe diz o mancebo, num berro,
Se não, por te arrancar as entranhas, faria
Marmore as minhas mãos e estas dez unhas—ferro!

Diz o velho, exaltado e a chorar de alegria:
—Filho da alma, ó meu sangue, ó Rodrigo valente,
Deus conserve a illusão que o teu furor me envia.

E num grito de dor e odio e pranto vehemente
Mostra-lhe a face rubra, a face esbofeteada
E o logar e a occasião e o nome do insolente.

E arrancando á bainha a Tisona afamada,
Tal como a um crucifixo, o punho beija e falla
Apresentando-a ao filho, alta, aguda e pesada:

—Eil-a e assim como a uzei has de tambem uzal-a.
Seja-te firme o pé e a mão, de um veterano!
A minha honra perdi, vai meu filho, buscal-a ...

Uma hora após, Bivar mata o Conde Losano!...

A VINGANÇA DE DIOGO LAYNEZ

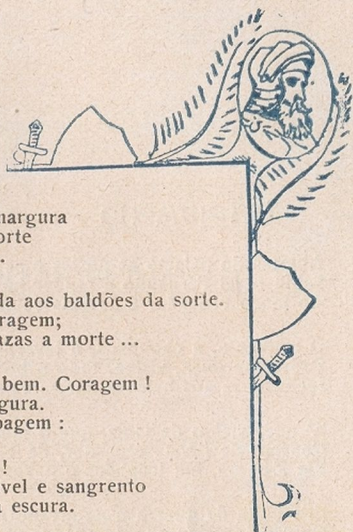
Essa noite, sosinho e sentando-se á mesa,
Diogo Laynez ao pé da lampada sombria
Entre os vassallos seus vai ceiar com tristeza.

Seus tres filhos lá estão mas scisma com agonia,
No mais moço, o caçula, o filho derradeiro:
Foi-se e ainda não voltou.—O Conde o mataria?

Ri-se nos cangirões o vinho e o escudeiro
Espera sem trinchar pela ordem do estylo;
Ninguem póde beber nem servir-se primeiro,

Porque o grande senhor não ordenou servil-o.
Desde que se sentou no seu logar, abstracto,
Corre-lhe o pranto á face em regato tranquillo.

O escudeiro, de pé, detem-se timorato
Ante a mesa vasia e ante a espantada gente;
Nenhum filho ou vassallo ha de tocar em um prato...

Como para não ver um phantasma á sua frente
Crava os olhos no chão, baixa a cerviz impura;
Mas vê seu filho morto e a vergonha latente.

Elle a honra perdeu e ficou-lhe a amargura
E seus avós, de raça impeccavel e forte
No Juizo Final vão fazer-lhe censura.

Vê que o ultraje o acompanha e anda aos baldões da sorte.
Seu orgulho cahiu na mais negra voragem;
Sobre o filho, á essa hora, abre as azas a morte ...

—Senhor, erguei o olhar : Olhai-me bem. Coragem !
Vasia a mesa assim faz bem triste figura.
Uma caçada fiz sem cachorro nem pagem :

Matei um javali—eis a bella captura !
Ruy, falla e mostra um craneo horrivel e sangrento
Que suspende, agarrado á cabelleira escura.

Diogo Laynez, de um salto, eil-o em pé num momento :
—E's tu, meu Conde infame, ó raça de serpentes,
Com este sorriso fixo e este olhar tão odiento?

Sim, és bem tu, mordendo ainda a lingua entre dentes...
Pela ultima vez a mim o atrevido ha insultado
Mas a espada cortou seus ditos insolentes.—

O pescoço, de um golpe, a Tisona ha cortado :
O sangue que correu pende de cada fibra
E o velho esfrega ao rosto esse sangue coalhado.

Com a voz alta e potente, ante a qual tudo vibra,
Exclama : — O' vencedor, ó meu filho, ó Rodrigo !
A affronta me abateu mas hoje a alma se libra !

E tu, cara hedionda, asqueroso inimigo,
Agora a minha mão e o meu odio indomavel
Vão sobre ti vingar-se e te dar o castigo.

E esbofeteando a face á cabeça execravel :
—Elle salvou meu nome e arrancou-me da vasa.
Ruy, tens na minha mesa o logar mais notavel,

Pois, quem traz um tal Chefe, é chefe em minha casa ! —

O TRIUMPHO

Abertas do palacio as portas e as varandas,
Sahiu o rei Fernando a render homenagem
Ao moço vencedor e ás suas velhas bandas.

O convento, a choupana, a taverna e a estalagem,
Padre, burguez, villão, todo o bom povo exulta.
Inclinam-se aos balcões damas vendo a passagem.

E' que, amigo da Cruz, que o mouro odeia e insulta,
Rodrigo de Bivar, vencedor, dá entrada
Em Zâmora, em trophéos e pavezes occulta.

Elle volta da guerra e ao arrancar da espada,
No ginete veloz que de ardego se empina
O inimigo fugiu da liça em debandada...

Tudo venceu, que tudo o seu braço fulmina.
Viram o Ebro e o Guadiana os seus feitos altivos,
Um grito de terror ha no Algarve em ruina!

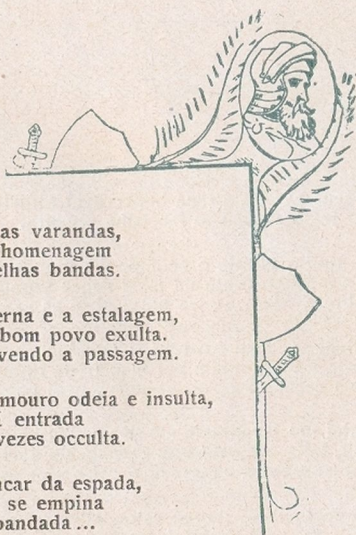
Vem coberto de espolio e aprisionados vivos
Traz cinco emires, – reis na terra da mourama.
Cid, o Campeador, chamaram-no os captivos.

Tal, Ruy Dias, por entre a multidão que o acclama,
A espada sobre a coxa e um sequito esplendente,
Na cidade penetra ás trombetas da fama!

Ao annunciarem o rei os arautos, á frente,
E' tamanho o clamor que das torres e telhas
Voam corvos de espanto e gralhas, de repente.

D. Fernando de pé sob as portas vermelhas,
Maravilhado, então, se detem um minuto,
Ante as acclamações que lhe vêm ás orelhas.

Feliz vai recebendo este novo tributo...
De subito apparece afastando os soldados
E o povo uma mulher, vem vestida de lucto.

Rebrilham de furor os seus olhos irados.
Aos pés do Rei, chorando, em soluços, se lança
E exclama sob o véo dos cabellos doirados:

—«Olhai-me! pois de mim deveis ter a lembrança.
Trucidaram meu pae, vosso antigo vassallo.
Justiça vim pedir, D. Fernando, vingança!

Lamento com pesar que o crime de que fallo
Não tivesse castigo e ande impune o assassino.
Compete-vos, senhor, de prompto reparal-o.

Chora o meu coração cansado, em desatino.
O odio em meu peito já não se occulta ou se esconde
E me força a gritar num assomo ferino!

Só a morte do assassino á outra corresponde!
Quero a morte do Cid e o mais breve e o mais cedo!»
E a multidão dizia: eis a filha do Conde!

E então com um gesto rude ella aponta com o dedo
Ruy Dias de Bivar que de cima da sella
Lhe dardeja um olhar scintillante e sem medo.

E o olhar frio de Ruy e o olhar vivo d'aquella
Accusadora então se cruzam num reflexo
De ferros scintillando em sangrenta querella.

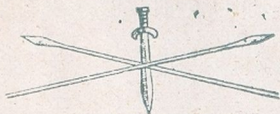
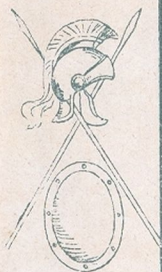
Nada responde o Rei assombrado e perplexo.
Pois um e outro direito elle pesa á balança
E vê que o peso é igual e o problema é complexo.

Hesita. E uma resposta é mister sem tardança.
Por sobre a multidão passeia o olhar turbado
Vendo o brilho do sol sobre os ferros de lança.

Os cavalleiros vê com o espolio conquistado,
Gladio ao punho, elmo á fronte, ao peito a adamantina
Cota de malha, em guarda a Ruy Dias, o ousado.

Carregando o pendão consagrado em Medina,
Fieis ao Miramolim, prisioneiros na liça,
Os cinco Emires vê sob a seda a mais fina.

Turbantes, a ostentar de uma alvura castiça,
Doze negros, cada um com um cavallo de guerra ...
Ora, o bom Rei estava inclinado á Justiça.

Bivar vingou seu pae; conquistou toda a terra
Do Algarve e de Ximena outr'ora fôra amante.
Mas a alma de Fernando uma duvida encerra.

Que fazer? considera o monarcha hesitante.
A seus pés continua em soluços Ximena.
O Rei toma-lhe a mão cortezmente e galante:

—«Ergue-te minha filha e os teus prantos serena!
Sobre o peito de um Rei christão e castelhano
Mais que as armas poder tem sobre elle esta scena!

Certo, Bivar me é caro. E' o sustentaculo ufano
De Castella, porem de tudo isto eu me esqueça.
Se o queres, morrerá, diz o bom soberano...

A archa d'armas ahi está, caso assim te pareça!...»
Cid encara-a de frente, altivo e silencioso.
Ella as palpebras fecha inclinando a cabeça.

Não procura affrontar aquelle olhar radioso,
Olhar que a tem captiva e a subjuga e domina.
Evita contemplar esse olhar luminoso.

Não é mais a Ximena orgulhosa e ferina
Pois sente de rubor o semblante inflammado.
Não odio mas vergonha as faces lhe carmina.

—«Foi por um braço leal, da propria honra armado
Que teu pae pereceu. Deus o tenha na Altura!
Ruy um dever cumpriu filial e sagrado.

A honra de vossos paes resplandescente e pura
Assim como a dos reis de que sou descendente
Vale a tua nobreza e a tua formosura.

Se o teu labio gracil o perdão lhe consente
O pae delle e o teu pae, troncos de um mesmo nivel,
Em vós resurgirão numa arvore virente.

Falla e eu darei a Ruy se te mostras sensivel
Belforado, Saldanha e Carrias de Castella.»
Mas Ximena guardava um silencio terrivel.

Fernando então lhe falla e lhe recorda aquella
Paixão que por Bivar ella tivera um dia...
E ao fallar desse amor em linguagem singella

Sentiu que nas mãos delle a mão della tremia...

SPLEEN *

(JONAS DA SILVA)

Min själ, i ondskans kalla mask dig kläd
latsas ej om, att du har dufvans sinne!
Af hat mot barn som aldringar du brinne,
och jublande at andras fall dig gläd!

Sprid ut, att ingen frukt pa syndens träd
det finns, hvars smak ej lefver i ditt minne!
Splitet ditt skadoglada bifall vinne —
gör allt att gifva näring at dess säd!

Säg, att af blodtörst dina läppar bränna,
och önska dem, som ha ett annat mal,
att de ma köldens kval och hungerns känna!

Härda i dolskt förakt din viljas stal!
Ty minns, sa stort är ondskans öfvermod,
att den blott, som är ond, kan vara god!

Fran portugisiskan.

GÖRAN BJÖRKMAN.

(Da Academia Sueca)

Em uma pagina das AMPHORAS

Ao poeta Jonas da Silva.

Amphoras de ouro a custo cinzeladas
Por mãos pacientes de um devoto artista!
Que labio augusto de anjos ou de fadas
Ha que aos teus magos nectares resista?

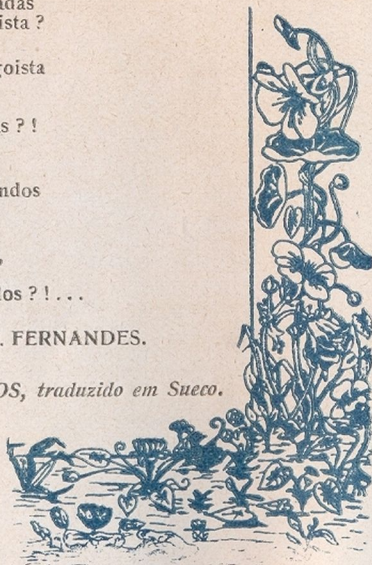
Que alma impassivel, fundamente egoista
Pode libar-vos, amphoras amadas,
Sem que sorrindo vagamente assista
A um desfilar de sombras encantadas?!

A um painel de sangrentas agonias,
Onde o amor chora com gemidos fundos
Sobre despojos de illusões já frias?

A um cortejo de sonhos moribundos,
Que vão cantando amargas litanias
Em caminho da paz de ignotos mundos?!...

CARLOS D. FERNANDES.

---

*) *O soneto "Alma", dos UHLANOS, traduzido em Sueco.*

DESTE AUCTOR:

AMPHORAS — Versos.................... (Exgottado)
UHLANOS — Versos.................... (Exgottado)

ERRATA

Alem de outros escaparam estes erros

TITULOS	EM VEZ DE:	LEIA-SE:
Revelação	choral	coral
Hortorum Deus	é ligeiro.	é certeiro.
	rumurosas	rumorosas
Chauffeur	alluminio	aluminio
Pharóes	abrolhos	Abrolhos
A' França	*Qu*	*Qui*
A Faca	rovólver	revólver
Memoria	após que é	após é que
O Bandeirante	conquista	conquistas
As Duas Saudades	fluva	flava
A Janella do Mirante	Sre	Ser
A Tentação de S. Antonio	visinha	vizinha
Uyrapurú	troxeras	trouxeras

NOTA.— Os sonetos *A Chacara* e *Coração* foram publicados nas "*Amphoras*" e nos "*Uhlanos*".

No soneto *HOMO SUM*... o verso:

Scismo sobre o passado luctulento

deverá ser:

Scismo na dor e no padecimento

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura